UNIVERSIDADE FEDERAL DO

DELTA DO PARNAÍBA – UFDPar

Francisca Maria Véras Linhares

Jovens em Medida Socioeducativa:

Biografia Menor versus Corpos na Guerra em Parnaíba /PI/BR

Parnaíba, 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA – UFDPar

CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Francisca Maria Véras Linhares

Jovens em Medida Socioeducativa:

Biografia Menor versus Corpos na Guerra em Parnaíba /PI/BR

Dissertação a ser submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPar como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia. Orientadora: Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad.

Parnaíba, 2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Biblioteca Central Prof. Cândido Athayde
Serviço de Processamento Técnico

L755j Linhares, Francisca Maria Véras
Jovens em medida socioeducativa: biografia menor versus corpos na guerra em Parnaíba/PI/BR [recurso eletrônico] Francisca Maria Véras Linhares. – 2023.

1 Arquivo em PDF.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2023.
Orientação: Profª. Drª. Shara Jane Costa Adad

1. Sociopoética. 2.Juventudes. 3. Medida Socioeducativa. 4. Necropolítica. 5. Biografia do Menor. I. Título.

CDD: 373.2

Jovens em Medida Socioeducativa: Biografia Menor versus Corpos na Guerra em Parnaíba /PI/BR

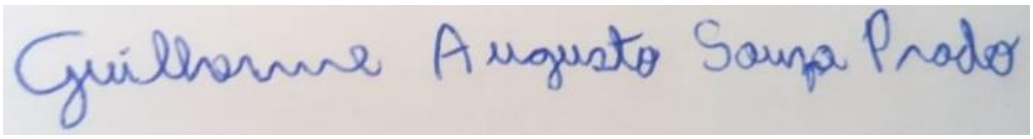
Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPar como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Aprovada em: _31/07/2023

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad (Orientadora)

Universidade Federal do Piauí – UFPI



Professor Dr. Guilherme Augusto Souza Prado

Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPar

Professora Dra. Flávia Helena Miranda de Araújo Freire

Universidade Federal Fluminense - UFF

Parnaíba, 2023

À minha mãe, Rainha da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos bons encontros que este percurso me trouxe, minha imensa gratidão. Agradeço especialmente à vida por me apresentar Shara Jane, luz nesta caminhada. Nosso encontro deve ter sido orquestrado pelo destino, pois foi realmente a compreensão de que é preciso que haja alguns desencontros para que encontros tão significativos possam acontecer. Shara foi importante como Orí-entadora, mas não só isso, ela me apresentou um novo prisma e hoje eu vejo no mundo ainda mais possíveis.

Aos professores Guilherme Souza Prado e Ana Karenina Arraes, minha gratidão pelas contribuições. Seus olhares sensíveis e a gentileza com que trataram nossa construção foram transformadores da minha jornada no mestrado, já que eu pude me sentir verdadeiramente ouvida e recebi sugestões amorosas e engrandecedoras, me deixando mais segura para fluir com leveza.

À minha rede de apoio, minha mãe Célia e meu companheiro Jackson, que foram base para que eu sustentasse o processo, eu agradeço a paciência, a força, a dedicação e todo o esforço em me apoiar.

“Enquanto você tá sonhando com a justiça
O moleque de doze troca tiro com a polícia”
Facção Central, 2001.

RESUMO

A construção do jovem socialmente perigoso, no Brasil, envolve sobretudo, determinações discriminatórias e estigmatizantes, elaboradas sobre as pessoas negras, empobrecidas e periféricas, sujeitos históricos e culturalmente marcados para morrer. Em 2019, por exemplo, foram 45.503 homicídios registrados, deles, 34.466, o correspondente a mais de ¾, são de pessoas negras, sendo que mais da metade (23.327) do total geral são jovens. Os dados demonstram a realidade que foi construída no Brasil a partir da colonização até os dias de hoje. Isso revela o Mito da Democracia Racial vivenciado no Brasil e o abolicionismo inconcluso que impõem ao povo preto condições de miséria e criminalização no intuito de excluir e matar. A biografia do corpo marcado para morrer ou a necrografia acontece na incorporação de etiquetas que estigmatizam os jovens negros no Brasil e no mundo, autorizando suas mortes. São os efeitos da Necropolítica a tática de extermínio que produz a morte ou deixa viver. Nesse sentido, os mais diversos dispositivos de controle social atuam como mantenedores dos privilégios das elites e consequentemente submetem parcelas específicas da população a políticas de regulação dos corpos e promoção da morte. Mesmo com tal imposição, o objetivo desta pesquisa é investigar qual juventude é produzida pelos jovens em cumprimento medida socioeducativa (MSE) em meio aberto em Parnaíba-PI e descobrir suas grafias de vida ou Biografia Menor, que evidencia como eles habitam seus territórios, traçam linhas de fuga e produzem vida. Para a produção dos dados, a Sociopoética foi valorizada como *ethos*, considerando-se seus princípios, que promovem experiência decolonizadoras. Na oficina de produção de dados foram inventados devires-criaturas-vida que revelam o confeto Problema-Guerra-Negócio-de-Facção, contorno importante na produção da subjetividade juvenil em Parnaíba-PI. Além dessa denúncia, os dados evidenciaram linhas de fuga para produção e ampliação da vida através da arte das manobras radicais em motocicletas e nas relações de amor e amizade.

*Palavras-Chave***:** Biografia Menor; Juventudes; Medida Socioeducativa; Necropolítica; Sociopoética.

ABSTRACT

The construction of the socially dangerous youth in Brazil involves, above all, discriminatory and stigmatizing determinations, elaborated on black, impoverished and peripheral people, subjects historically and culturally marked to die. In 2019, for example, there were 45,503 registered homicides, of which 34,466, corresponding to more than ¾, are of black people, and more than half (23,327) of the overall total are young people. The data demonstrate the reality that has been built in Brazil from colonization to the present day. This reveals the Myth of Racial Democracy experienced in Brazil and the inconclusive abolitionism that imposes on black people conditions of misery and criminalization in order to exclude and kill. The biography of the body marked for death or necrography occurs in the incorporation of labels that stigmatize young black people in Brazil and in the world, authorizing their deaths. These are the effects of Necropolitics, the tactic of extermination that produces death or lets live. In this sense, the most diverse devices of social control act as maintainers of the privileges of the elites and consequently subject specific portions of the population to policies of regulation of bodies and promotion of death. Even with this imposition, the objective of this research is to investigate which youth is produced by young people in compliance with socio-educational measures (MSE) in open environments in Parnaíba-PI and to discover their life graphs or Minor Biography, which shows how they inhabit their territories, trace lines of escape and produce life. For data production, Sociopoetics was valued as an ethos, considering its principles, which promote decolonizing experiences. In the data production workshop, devires-creatures-life were invented that reveal the Problem-War-Negotiation-Faction confetti, an important contour in the production of youth subjectivity in Parnaíba-PI. In addition to this denunciation, the data showed lines of escape for the production and expansion of life through the art of radical maneuvers on motorcycles and in relationships of love and friendship.

*Keywords***:** Minor Biography; Youth; Social and Educational Measure; Necropolitics; Sociopoetics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Desenho Criatura-Vida-Palhacin 41
Figura 2. Desenho Criatura-Vida-Sobreviver 43
Figura 3. Fotografia Nárnia 47
Figura 4. Fotografia Tranquilidade/ Vida/Paz. 48
Figura 5. Mapa de Ilha Grande 61
Figura 6. Fotografia da Ponte Simplício Dias 62
Figura 7. Desenho Criatura-Vida-Palhacin 70
Figura 8. Desenho Criatura-Vida-Sobreviver 70
Figura 9. Fotografias Vida/Paz 72
Figura 10. Fotografia Nárnia 74
Figura 11. Fotografia Tranquilidade 74

LISTA DE SIGLAS

CONANDA	Conselho Nacional dos Direitos das Crianças e do Adolescente
CREAS	Centro de Referência Especializado da Assistência Social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FEBEM’s	Fundações Estaduais do Bem-Estar do Menor
FUNABEM	Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor
INFOPEN	Informações Penitenciárias
LA	Liberdade Assistida
MSE	Medida Socioeducativa
PIA	Plano Individual de Atendimento
PSC	Prestação de Serviços à Comunidade
RD	Redução de Danos
RPG	Role Playing Game
SAM	Serviço de Assistência ao Menor
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo

SUMÁRIO Página

1 Resistir para existir.....12

2 Genealogia da subjetividade jurídica do jovem infrator no Brasil.....16

3 O Mito da Democracia Racial no Brasil e seus Desdobramentos Jurídicos.....25

4 Corpos Marcados 31

5 É caminhando que se faz o caminho.....35

6 Necrografia: nem liberdade, nem paz.....52

6.1 Corpos na Guerra Corpos-Vida em meio a guerra: uma biografia menor?.....67

7 Confissões finais 79

Referências 86

Apêndice 93

1 Resistir para existir

Os caminhos profissionais que orientaram minha prática apresentaram desafios que me instigavam e ainda impactam meu cotidiano. Ao contactar, na prática profissional, os jovens submetidos às Medidas Socioeducativa (MSE), política pública de "ressocialização", amparada no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), fui invadida por muitas questões. Saber o começo, ou os começos, era o que me despertava a curiosidade. Como aqueles jovens, sem acesso e em vulnerabilidade, podem ser considerados infratores de um sistema de regras que os coloca à margem? Onde isso inicia? Esta pergunta direcionou as intervenções elaboradas enquanto técnica de referência das MSE no CREAS (Centro de Referência Especializado da Assistência Social) de Parnaíba/PI.

Com a pergunta acima, a problemática das drogas presente nos diálogos e estudos anteriores sobre Redução de Danos (RD), as atividades eram sendo construídas. A intenção era criar espaços seguros para reduzir riscos e danos.

Assim, no mestrado a problemática inicial foi como fazer um trabalho de redução de danos com jovens em medida socioeducativa, no entanto, as processualidades orientaram a pesquisa na direção de outra questão. Como acontece o processo de produção da subjetividade dos jovens assistidos nas Medidas Socioeducativas (MSE)?

O deslocamento da pergunta acontece quando há o aprofundamento dos estudos em RD que culminam na compreensão que redução de riscos e danos, relacionados ao uso de substâncias, está muito além da distribuição de insumos ou orientações práticas para o uso menos nocivo.

Compreendendo a complexidade da relação humana com substâncias psicoativas, a redução de danos surge como possibilidade de produção e ampliação da vida, como afirma Lancetti (2006). Dessa forma, ela se expande quando experienciada como um *ethos*, isto é,

transcendendo o significado de prática de cuidado e se transformando também em conjunto de hábitos coletivos que permitem posicionamento ético-político.

Ao assumir o cargo de técnica de referência das medidas socioeducativas, sugeri algumas mudanças para a equipe da instituição, o que incluía acabar com as reuniões em modelos de palestras e inserir rodas de conversas com atividades, conversas e lanches. Assim, encontros com temas como motivação, cidadania, dinâmica familiar, etc. Que aconteciam semanalmente, momento em que os jovens assumiam lugar de escuta e suas vozes eram silenciadas, foram substituídas por encontros grupais com participação da equipe técnica do dispositivo e alguns profissionais convidados.

Essa mudança possibilitou interação entre os jovens, que passaram a decidir temas de interesses, atividades desejadas e a forma de realização das mesmas. Desse modo, a equipe conseguiu romper com uma concepção educativa embasada na transmissão de conteúdo com fins de disciplinarização dos adolescentes, estabelecendo em seu lugar espaço de acolhimento, de expressão de singularidades e de afetos, entre o coletivo composto por adolescentes e equipe técnica. Isso possibilitou ainda um rompimento com a hierarquia das questões conversadas, necessária ao estabelecimento de diálogo e de escuta da alteridade.

A aplicação da Redução de Danos é em si desafiadora, pois enfrenta o proibicionismo, manifestado através da imposição da abstinência como único recurso (Santos & Miranda, 2016). Apesar disso, a equipe responsável pelas MSE estivera disposta a migrar do olhar proibicionista e punitivista para enxergar sujeitos de direitos.

Aqueles rapazes e algumas moças se encontravam em um dispositivo que deveria contar com profissionais efetivos, capacitados e engajados e, consequentemente, compreender coletivamente que tais pessoas estão no serviço em decorrência da ineficiência das políticas públicas, não da eficiência da justiça.

Me chamou atenção perceber que aqueles jovens, que ali estavam, eram estigmatizados apesar de estarem em um dispositivo que sirva à garantia de direitos.

Outro ponto que validou a RD enquanto orientadora das produções com o grupo, é que ela também é uma política pública, instituída como tal no Brasil em 1989, quando houve a primeira troca de seringas em Santos, São Paulo (Santos & Miranda, 2016) e consiste em reduzir os riscos e danos associados ao uso de substâncias psicoativas ao nível pessoal, social e político. Ela está relacionada ao direito que as pessoas usuárias de drogas devem ter garantidos (Frei, 2019).

Estudar Redução de Danos possibilitou questionar o proibicionismo e perceber como ele produz a delinquência. O próprio proibicionismo, a delinquência e a criminalidade são produções modernas (Foucault, 2014).

Foucault (2014), em “vigiar e punir” conta "a história das prisões” e demonstra como a soberania do Estado atua no sentido de organizar as cidades através do gerenciamento dos corpos. O poder exercido sobre a vida, denominado pelo autor de Biopoder, passou a ser considerado quando o antigo direito de causar a morte ou de deixar viver, é atualizado pelo poder de promover a vida ou de deixar morrer.

Nesse sentido, considerando a Biopolítica de Foucault (2014) e as discussões de Agamben (2004) sobre soberania e tanatopolítica, Mbembe (2018) escreve sobre a Necropolítica que permite olhar o gerenciamento dos corpos e percebe quem pode viver e quem deve morrer, um regime higienista ainda mais ousado.

Os efeitos dessa política de morte são o proibicionismo, a criminalização e a delinquência, estigmas que servem para construir a biografia dos corpos marcados para morrer ou à necrografia. Apesar de ser do meu desejo neste texto falar apenas das grafias de vida, das autobiografias produzidas cotidianamente através da resistência, das linhas de fuga e principalmente da produção e ampliação da vida, na arte, na cultura; antes é preciso refletir

sobre a necrografia escrita para a determinação da morte de parcelas específicas da população que não encaixam na homogeneização e se afirmam na diferença.

No Brasil em 2019, por exemplo, foram 45.503 homicídios registrados, deles, 34.466, o correspondente a mais de ¾, são de pessoas negras, sendo que mais da metade (23.327) do total geral são jovens (Cerqueira, et al., 2019).

Os dados mostram que os jovens pretos são os principais alvos dos homicídios no país. Os corpos marcados para morrer são produzidos e selecionados através da história. A construção do jovem socialmente perigoso no Brasil é atravessada por determinações estigmatizantes discriminatórias elaboradas sobre as pessoas pretas, empobrecidas e periféricas.

Com a Sociopoética como *ethos* deste estudo, considerando seus princípios norteadores para encaminham a pesquisa, foi possível descobrir o confeto (conceito + afeto) Problema-Guerra-Negócio-de-Facção.

Os jovens sujeitos da pesquisa participaram de uma oficina elaborada para facilitar a produção de uma carta de um jogo. Nessa carta deveria haver uma criatura-vida que tem o poder de resolver os problemas do mundo-vida em que habita. A oficina foi inspirada nos jogos de RPG e tinha a intenção de dar passagem à voz dos jovens para que eles produzissem dados que permitissem escrever a Biografia Menor.

Através das experiências sociopoéticas, os jovens se metamorfosearam em Criaturas-Vida que, mesmo que momentaneamente e se desterritorializam dos territórios faccionados encontrando lugares-vida, onde é possível produzir arte e buscar afeto.

2 Genealogia da subjetividade jurídica do jovem infrator no Brasil

É verdade que antes da implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), havia no Brasil, um cenário onde aqueles que se encaixavam nos padrões sociais estabelecidos tinham seus direitos reconhecidos, enquanto os outros eram patologizados e deveriam ser tutelados pelo Estado. À época a assistência a crianças e adolescentes era desenvolvida por meio da caridade de famílias ricas e da igreja, ficando a cargo Público a regeneração no menor delinquente (Castro & Macedo, 2019).

A materialização da responsabilidade do Estado sobre o jovem delinquente se deu em 1927 com o Código de Menores tornando pública a situação de crianças que tiveram suas infâncias abandonadas e consequente marginalização. Em 1941, com o Serviço de Assistência ao Menor (SAM) se reafirma com o pacto de "proteção da sociedade ou a preservação da ordem" (Castro & Macedo, 2019, p. 1218) através da responsabilização e reinserção social dos "menores carentes e infratores" (Castro & Macedo, 2019, p. 1218). Isto é, elaboram-se cada vez mais ferramentas de controle social que servem aos privilégios de uma elite e marginaliza e estigmatiza a pobreza.

> O SAM é substituído pelas Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (FUNABEM) e Fundações Estaduais do Bem-Estar do Menor (FEBEM's) em 1964. O foco continuava sendo repreender crianças e adolescentes que representassem risco à sociedade. Ainda durante a Ditadura Militar, em 1979, foi instituído no Novo Código de Menores que orientava suas atividades para o controle das crianças consideradas "irregulares" (Castro & Macedo, 2019, p. 1218).

Foram as muitas denúncias de violência e maus tratos infligidos contra crianças e adolescentes no período compreendido como a ditadura militar. Elas resultaram no reconhecimento desse público como sujeitos de direito através da Constituição Cidadã de 1988. A movimentação crescente rumo à garantia de direitos iniciada naquele ano fortalece a construção do ECA, que foi aprovada em 1990, e trata de crianças e adolescentes como "prioridade absoluta" e descreve uma "política de proteção social", que consegue superar a

perspectiva assistencialista implementada até então, além de transpor a visão de delinquência, ao mesmo tempo (Castro & Macedo, 2019).

É imprescindível dizer que o ECA, é um marco para a garantia de direitos e é inegável a relevância alçada por ele "[...] no que se refere ao reordenamento jurídico vinculado à área da infância e da juventude" (Coimbra & Nascimento, 2005, p. 11)

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei 8.069/90) diferencia crianças, adolescentes e adultos, segundo este documento, crianças são pessoas que estão inseridas na faixa etária entre zero e doze anos incompletos, já a partir dos doze até os dezoito anos, as pessoas são consideradas adolescentes e depois dos dezoito são consideradas adultas, valendo aqui ressaltar que até os 21 anos de idade um jovem poder cumprir Medida Socioeducativa, se a sentença for determinada antes do indivíduo completar 18 anos.

É no artigo 112 do citado documento que se prevê as medidas socioeducativas, que tratam de um conjunto de ações realizadas pelo poder público a partir de um ato delituoso, com autoria de um(a) adolescente. Segundo o ECA, o intuito dessa política é responsabilizar o jovem ao mesmo tempo que reduz a vulnerabilidade social, por meio da oferta de políticas que proporcionem alternativas de reinserção social aos adolescentes (Gomes, 2015).

Por isso, os atos infracionais deveriam ser julgados pela justiça especial para crianças e adolescentes, que decidiria através de determinação judicial qual tipo de medida deveria ser cumprida pelo jovem, devendo levar em consideração variados aspectos como: idade, reincidência, gravidade do ato infracional, etc. (Brasil, 2012).

Dentre as medidas socioeducativas, pode-se classificar as que são em meio fechado (medida de internação) e as que são em meio aberto, que podem ser Medida Socioeducativa de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) ou de Liberdade Assistida (LA), além da advertência, da obrigação de reparo ao dono e da inserção no regime de semiliberdade (Oliveira, Félix-Silva, & Nascimento, 2014). Alguns jovens cumprem os dois tipos de

medida, ingressando, em alguns casos, na medida de internação e, a depender de seu comportamento, sua medida progride para PSC ou LA.

Partindo da necessidade de padronizar a execução das MSE, em 2007 começa a tramitar o projeto de Lei 1.627/2007, aprovado pelo Conselho Nacional dos direitos da Crianças e do Adolescente (CONANDA), em 2006. O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) foi aprovado na câmara dos deputados em 2009, e segue para o senado para apreciação, sendo finalmente sancionado em janeiro de 2012, (Maraschin & Raniere, 2011).

A implementação desta nova lei:

> Possibilita que o Estado execute uma intervenção sobre a rotina – administração do tempo – com a promessa de transformar, através do hábito, o adolescente indisciplinado em um corpo docilegal: socialmente útil – corpo dócil – e, ao mesmo tempo, socialmente legalizado. Não basta, obviamente, trabalhar, já que muitos desses adolescentes cumprem medida socioeducativa, justamente, em virtude das suas rotinas de ocupação: tráfico, roubo, contrabando. Ou, dizendo de uma forma politicamente correta, o jovem deverá ter acesso a políticas públicas que lhe permitam inclusão social. A crença depositada nessa máquina correcional é de que seria possível utilizar algumas engrenagens da escola, da religião, do esporte, das artes para que o adolescente infrator possa ser reprogramado em suas tendências indisciplinadas e ilegais. Nesse paradigma, essa reprogramação é facilitada quando o adolescente cumpre o programa-rotina da instituição (Maraschin & Raniere, 2011, p.100).

Além do ECA, o Estatuto da Juventude também pode ser balizador dessa discussão, já que a categorização de infância e adolescência estabelecida pelo ECA ainda deixa um hiato. A definição de juventude instituída pelo Estatuto considera jovens as pessoas de 15 a 29 anos. Esta categorização etária e perspectiva conceitual de que o período é uma transição entre adolescência e “adultez” são inspiradas na Assembleia Geral da ONU em 1985 (Castro & Macedo, 2019).

Apesar de preencher o espaço etário, é importante localizar as inspirações que embasam e atentar para a concepção europeia colonizadora de criação da juventude como um período universal. Historicamente tal criação se deu a partir da necessidade de prosperar durante a guerra fria. Ali se constituíram os jovens como cobaias da prosperidade, que não

eram mais crianças, mas também não tinham o senso crítico formado e não eram adultos, então não estariam tão fechados para aprender. A categoria ganha então um novo status, o de preparação para prosperar (Veras, 2019).

Percebemos uma tendência ao olhar homogeneizador, uma herança que deve ser contraposta, já que entrega uma lógica descontextualizada. Coimbra e Nascimento (2005) problematizam a questão através do texto, "subvertendo o conceito de adolescência", em que levantam contrapontos sobre a identidade homogeneizada da adolescência, considerada como um período universal, no qual os indivíduos devem se comportar de acordo com uma identidade definida por padrões liberais de desenvolvimento psicossocial, devendo chegar à vida adulta com maturidade e racionalidade suficiente para ser produtivo e adequado, só podendo gozar de direitos universais se estiver atendendo ao esperado.

No entanto, as juventudes ocupam muitos e diversos territórios. A pluralidade possível para a juventude é desconsiderada e os jovens coisificados através da história, a "única história", contada pelos que detêm o poder (Adichie, 2009, n.p.).

É fato que no Brasil os avanços são inegáveis no que tange à "garantia de direitos" e políticas públicas voltadas para os jovens, mas também é verdade que apesar dos avanços, as juventudes ainda ocupam lugar marginalizado e controverso, já que para a elite é considerado um período onde os indivíduos teriam uma espécie de "moratória social", um tempo para se prepararem para o futuro que é a vida adulta. E os desadequados às normas sociais estabelecidas, tendem a ser um risco para a sociedade e não têm direito a esse tempo de concessão, devendo ser rigidamente responsabilizados (Chaves, 2008).

Esses jovens são pessoas que tiveram e têm seus direitos violados pelo próprio Estado que age em soberania decidindo quem têm direitos e quem são os que representam riscos a eles. A infância e a adolescência são construções sociais que se localizam de acordo com o

território também, assim: nem toda criança tem direito à infância e nem todo jovem tem direito à adolescência.

Abramo (1997) mostra no clássico texto “considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil”, que até aquele momento, ainda, não existia no Brasil políticas públicas direcionadas especificamente para jovens, no entanto, a categoria juventude já era tematizada. Na televisão, os adolescentes já eram vistos como público consumidor, existem produtos desenvolvidos diretamente para eles. Já nos jornais e noticiários onde não se fala para os jovens, mas sobre eles, as matérias abordam “problemas sociais”, em que esse público estaria envolvido - criminalidade, violência, vandalismo, drogas - e as medidas para diminuir tais eventos.

Partindo do pressuposto de que se precisa construir um indivíduo adequado e produtivo, a garantia universal de direitos também homogeniza e entrega uma lógica liberal, que desconsidera a multiplicidade dos grupos, pois os inadequados ao sistema de recrutamento de talentos são estigmatizados e precisam de políticas públicas que os reajustem e reintegrem ao sistema como cidadãos.

Somente aquelas crianças e/ou adolescentes que se enquadravam nas regras sociais eram reconhecidas em seus direitos, as demais eram percebidas a partir da lógica da patologia social, devendo, portanto, ser assistidas pelo Estado. De acordo com Rizzini (2011) a então chamada “questão do menor” passa a ser tratada como um problema de segurança nacional, adotando-se medidas repressivas com o intuito de cercear os passos e as condutas anti-sociais daqueles que não se adaptavam ao modelo vigente ou que perturbavam a ordem social (Russo, 2012).

Elucidar tais pontos é notar que as políticas públicas ainda carregam em seu cerne práticas menoristas, que violam o direito de grupos específicos da população (Castro & Macedo, 2019). Sendo possível citar os principais órgãos atuais, que são responsáveis pelo

cuidado e segurança da vida de crianças e adolescentes, o ECA e o SINASE, como fomentadores e atuantes de práticas menoristas, dada a forma como são estabelecidas suas leis, determinações e principalmente suas formas punitivas de "ressocializar" estes jovens.

> As práticas menoristas acontecem quando adultos/instituições determinam formas de vigiar e punir pessoas menores de 18 anos, a partir de seus próprios interesses, adentrando grande parte dos sistemas que regem nossa sociedade, como instituições governamentais, educacionais, prisionais, entre outros. Esse processo não é voltado para toda a juventude, mas sim para alguns em particular, visto que ele "herda a cultura colonial escravista, que objetificou as crianças, mais notadamente negras e indígenas. (Miranda, 2019, n.p)

Anterior ao reordenamento jurídico-institucional advindo com o ECA e com o SINASE, as ações direcionadas aos adolescentes que cometeram ato infracional eram pautadas na "doutrina da situação irregular", isto é, numa perspectiva coercitiva e menorista. Porém, reconhecendo e reafirmando a importância das mudanças trazidas pela Constituição Federal de 1988, pelo ECA e pelo SINASE, evidencia-se que ainda há muito para avançar no que tange a efetivação dos direitos garantidos pelos marcos normativos, bem como o rompimento com a lógica de criminalização da pobreza que foi construída historicamente na sociedade brasileira principalmente quando se trata dos adolescentes que cometeram ato infracional. (Flor, 2020)

Estas instituições ainda se baseiam nessa lógica de criminalização da pobreza, que trata e se refere a pessoas em situação de vulnerabilidade como "bandidos" e "infratores", fator que se agrava quando este indivíduo é negro, corpo que é desprezado e mirado para morrer pela sociedade e por instituições governamentais diariamente.

Essa visão deturpada do corpo jovem e negro como problemático e desordeiro foi sendo reforçada ao longo dos anos, desde a abolição da escravidão. Estes agora libertos, foram preconizados pela sociedade, que os coloca às margens, em um local de criminalidade determinado pela cor da pele, os enxergando como pessoas de menor valor. E do outro lado estão os brancos, dominadores, e detentores de todos os poderes estatais e econômicos que

passam a determinar fortemente a forma como esses corpos devem ser enxergados e localizados socialmente.

Seguindo a perspectiva da adequação juvenil no sentido do produtivismo capitalista, o Brasil, país colonizado por europeus, reproduz uma política de extermínio daqueles que só servem ao capital enquanto máquina de produzir. O Estatuto da Juventude conta com uma história que se inicia no Brasil na década de 90, quando o Estado começa a agir na intenção de incluir ao invés de excluir os jovens em situação considerada de risco na sociedade.

Já nos anos 2000 as discussões sobre as juventudes começam a emergir também graças à participação dos próprios jovens em movimentos sociais, culturais e de partidos políticos. Castro e Macedo (2019) afirmam que assim os jovens, que antes eram considerados em risco, passam a ser vistos como sujeitos de direito, ativos e engajados, o que pode ser considerado como um sopro de liberdade, quando ao invés de esperarem ser "incluídos na sociedade" através de políticas públicas, os jovens impõem seu lugar, permitindo finalmente enxergar a diversidade juvenil produzida no Brasil, que é reconhecidamente demarcada por desigualdades sociais.

Para Castro e Macedo (2019) essa mudança de perspectiva reflete direta e fortemente nas ações do Estado. Ela representa principalmente, para esse público, a discussão e reorientação do binômio juventude-violência, na medida em que o jovem passa de público-alvo cooptável pela delinquência, a sujeito e ator na construção das políticas públicas destinada a si e a seus pares. Nesse contexto de lutas e participação social, com grandes vitórias que incluíram a alteração da redação do texto dos capítulos VII e VIII da Constituição Federal de 1988, acrescentando o termo jovem, considerando-se que:

> É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, art. 227, 2010).

Com a alteração provocada pela Emenda Constitucional 65, estabeleceu-se também a criação do Estatuto da Juventude e do Plano Nacional da Juventude, que duraria 10 anos e apontava para a definição de orçamentos, metas, além da articulação nacional com várias esferas do poder público culminando finalmente no Estatuto da Juventude, criado em agosto de 2013 através da Lei 12.852 (Brasil, 2013), o maior marco de direito desse público.

A soma dos ganhos citados tornou possível para as juventudes a participação nos instrumentos legais, transformando a concepção de juventude e admitindo um novo *status* ao jovem. Além disso, a superação dos limites conceituais puramente etários para infância, adolescência e juventude, por uma categorização que considera principalmente a heterogeneidade, faz do Estatuto da Juventude um instrumento de acesso aos direitos e recursos do Estado melhor orientado para as necessidades das juventudes.

Veras (2019) admite a dificuldade que é conceituar a juventude de forma objetiva no Brasil, visto que questões como classe, raça e etnia são marcadores que atravessam fortemente tal conceituação, como já pudemos notar. Ainda assim, a autora cita Bonone (2015, p. 13) que diz que:

> A juventude se caracteriza por ser uma etapa da vida que se inicia com o final da infância e vai até o início da vida adulta. É entendida, portanto, como um período de amadurecimento biológico e social dos indivíduos. Entretanto, embora os jovens não sejam homens e mulheres completamente maduros, também não são mais crianças e, por isso, carregam responsabilidades e possuem capacidade de ação e de pensamento autônomos. Não existe faixa etária definida que estabeleça com que idade começa e termina esse processo. Entretanto, há convenções internacionais e nacionais para que se possam estabelecer políticas próprias para esse grupo social.

Conceituar essas categorias é importante se levarmos em consideração a necessidade de políticas públicas coerentes com a realidade contextual do público-alvo. E como foi possível notar através desse recorte histórico superficial e breve sobre o acesso a direitos por crianças, adolescentes e jovens no Brasil, apenas recentemente esses grupos conseguiram avançar na direção do seu reconhecimento enquanto sujeito de direitos, um dos motivos pode ser também a difícil conceitualização das categorias, que eram ainda mais subalternizadas e

menosprezadas, passando a ser consideradas somente quando a lógica liberal captura a produção da subjetividade das pessoas para uma postura produtivista, capitalista e completamente exclusiva.

Apesar dos avanços, as tranças da juventude contêm nós diversos, e os que envolvem a garantia de direitos, foram significativamente percebidos durante o processo de estudo para a pesquisa. Dessa forma, mesmo notando as vitórias precisamos reconhecer que ainda estamos caminhando a passos curtos.

O controle social expressado pelo histórico de códigos menoristas instituídos no Brasil, demonstra o objetivo excludente através de práticas garantistas e descontextualizadas. A juventude imposta para pessoas pretas, empobrecidas e periféricas é produzida sob a égide de um Estado assistencialista, que apesar de se atualizar preserva práticas racistas e menoristas, construídas através da história. Grande parte dos sistemas que regem nossa sociedade, como instituições governamentais, educacionais e prisionais, podem demonstrar atitudes punitivas contra jovens. Miranda (2019, n.p) afirma que isso se dá visto que, este indivíduo, “herda a cultura colonial escravista, que objetificou as crianças, mais notadamente negras [...]” E por essa razão cria-se uma perseguição a este povo, em uma tentativa de os deixar enfraquecidos, em menor número, menos evidência e distantes de locais de poder.

3 O Mito da Democracia Racial no Brasil e seus Desdobramentos Jurídicos

Ao atentar para história do Brasil é inevitável notar como a desigualdade social construída está diretamente ligada à cor da pele. Primeiro as terras foram invadidas e seus povos explorados e exterminados. Em seguida, institui-se um cativeiro de pretos e pretas sequestrados de África e forçados a trabalharem até a morte. “Selvagens” que precisavam ser doutrinados através do trabalho e da fé europeia, dando assim início a marginalização dos povos negros e indígenas neste país.

Desde a invasão, as elites que se estabelecem no Brasil usufruem de seus privilégios através de acordos sociais que os beneficiam em prejuízo dos marginalizados. São leis e tratados com a tentativa de excluir negros e indígenas e branquear o país. Em “corpo negro caído no chão”, Flauzina (2006) detalha o percurso político e, consequentemente, jurídico de criminalização da população negra e indígena. Para a autora o racismo “é fonte de uma política de Estado historicamente empreendida para o controle e extermínio” (p.38), dessa população, “convertendo desigualdades em sina e, finalmente, apropriando-se das vantagens como direitos” (p.38) para as elites, com o amparo da ciência e da religião. “Desde a Idade Média, nas sociedades ocidentais, o exercício do poder sempre se formula pelo direito”, (p.39), foi “através do desenvolvimento da monarquia e de suas instituições”, (p.39) que “instaurou-se essa dimensão do jurídico-político”, (p.39) e “apesar dos esforços feitos para separar o jurídico da instituição monárquica e para libertar o político do jurídico, a representação do poder permaneceu presa nesse sistema” (Foucault, 2020, p. 96).

São teorias médicas, biológicas e religiosas fundamentando a perspectiva de existirem grupos de pessoas superiores, que se encaixam no sistema produtivista e que precisam ser protegidas dos outros grupos de pessoas não adequados e, portanto, representam perigo, ou

seja “[...] todos aqueles que não são corpos úteis e dóceis para a produção” (Coimbra & Nascimento, 2005, p. 4).

Os que se fazem “donos do passado” (Flauzina, 2006, p. 38) monopolizaram a autoria da história forjando processos de naturalização da supremacia branca e subordinação preta, mascarando o racismo de forma a continuar produzindo as desigualdades, mas sem revelar como. Assim, as elites podem continuar usufruindo de suas vantagens sem qualquer prestação de contas.

No Brasil o tema racismo foi convertido em grande tabu social, cedendo espaço ao mito da democracia racial, que defende o estado de simétrica igualdade entre as pessoas, independente de sua cor, etnia ou raça. O produto dessa harmonia é uma sociedade sem qualquer tipo de exclusão social (Rodrigues, & Moraes Monteiro, 2022).

Flauzina (2006) questiona a democracia racial elucidando a aproximação histórica entre a criminalidade e o racismo de forma brilhante. Ela admite que “se a criminalidade afetou decisivamente a imagem no negro, o racismo acabou também por afetar a imagem do sistema”, (p.40), mas que assumir “de alguma maneira que a manutenção das assimetrias raciais, com o controle da população preta é a principal tarefa do sistema penal desde seu nascedouro é cindir definitivamente com o pacto da harmonia entre as raças” (p. 40).

Isso posto a consolidação do sistema penal começou ligada à “biografia da escravização negra” (Flauzina, 2006, p. 41), e nunca conseguiu se dissociar “do seu passado colonial por completo” (p. 41). É um sistema incapaz de cumprir as funções a que se propõe, mas que cumpre a real função não declarada, fruto do abolicionismo inconcluso (Araújo, 2017).

A Seletividade Penal, que escolhe e pune os sujeitos vulnerabilizados em detrimento dos direitos de outros privilegiados (Zaccone, 2011), é desdobramento do sistema penal

herdeiro do estatuto escravocrata" (Flauzina, 2006, p. 41), que ainda serve à lógica de genocídio e exclusão de grupos sociais vulnerabilizados.

Em dezembro de 2019, 60% das mais de 748 mil pessoas encarceradas no Brasil eram pretos, pobres e com baixa escolaridade. Os dados são do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – InfoPen – informados em 2020, pelo Departamento Penitenciário Nacional. Além de o número colocar o Brasil em terceiro lugar no ranking das maiores populações de encarceramento em massa do mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da China, há o agravante de que o sistema prisional conta com 368.049 vagas, o que significa que para cada vaga há pelo menos duas pessoas presas. A manutenção desse sistema mobiliza altos recursos financeiros, o que vem incentivando o desenvolvimento de estratégias alternativas às penas de reclusão.

É nesse sentido que as discussões sobre o tema também se acirram, pois, mesmo as penas alternativas sendo mais interessantes financeiramente (Barros, Moreira, & Duarte, 2008), a lógica da exclusão como mecanismo de proteção da sociedade ainda é o que direciona, com o apoio do sistema capitalista, o controle penal através do sistema prisional, que atua sob a perspectiva da culpabilização individualizada, onde o sujeito é o único responsável pelo crime, desconsiderando-se o contexto social e seus atravessamentos. (Oliveira et al., 2014).

Ao aproximar questões inerentes às juventudes e as que dizem respeito à raça/etnia, que sofrem necessariamente atravessamentos de classe, lembramos do texto "Ser jovem, ser pobre é ser perigoso" de Coimbra e Nascimento, que é de 2005 e apesar de datado traz a atualidade da discussão que envolve juventude pobre e, acrescento, preta do Brasil: O mito da periculosidade do jovem preto periférico.

No texto, as autoras refletem sobre as práticas eugenistas trazidas da Europa que estão presentes desde a colonização, passando pelo sequestro do povo de África e se perpetuando até os dias de hoje com as desigualdades sociais (Coimbra & Nascimento, 2005).

Frei (2019), também afirma que nesta discussão, o impositivo é muito mais sobre a cor da pele, a classe social e o endereço, do que a respeito da inclusão das pessoas que vivem em contexto de criminalização. As pessoas que não têm acesso a direitos básicos podem estar em contato com sistemas de regulação social, próprios da comunidade. Estando, muitas vezes, em contato com a criminalidade ainda na "infância" ou na "adolescência" (Scisleski, Bruno, Galeno, Silva, & Santos, 2015).

Tal condição, no entanto, reafirma o fracasso do Estado enquanto regulador equânime de direitos e tendenciona a população a assumir uma compreensão liberal, que acredita que as pessoas marginalizadas têm o mesmo acesso que pessoas protegidas, sem considerar que as instituições que atravessam a todos são as mesmas, mas o efeito que elas produzem são bem diferentes se considerarmos recortes de classe, cor, etnia, gênero e dentre outros.

Outrossim, é que o sistema de justiça promove muito mais a responsabilização dos jovens pelas infrações cometidas, do que se preocupa em garantir os direitos daqueles que deveriam ser prioridades do Estado. Esta afirmativa pode comprovar como a justiça social considera proteger e garantir direitos a uma parcela específica da sociedade à custa da exclusão de muitos. Assim, os que em virtude dos efeitos que as instituições produzem nos menos favorecidos, têm menos acesso a tantos recursos que precisariam estar disponíveis para a manutenção mínima da vida em sociedade, seguem sendo responsabilizados pelo próprio "fracasso" (Bombardi, 2008; Costa, 2005; Silva, 2009; Volpi, 2001, como citado em Silva & Chaves 2014).

O jovem preto é considerado então, fruto do próprio fracasso, é estereotipado e estigmatizado. São esses os efeitos do processo de criminalização seletiva, estudada pelas

Teorias da Reação Social que afirmam principalmente a criminalidade/delinquência não como uma qualidade inata, mas como uma etiqueta, uma qualidade atribuída, ou seja, criada. A seletividade penal acontece através de um longo e complexo percurso de interação social envolvendo processos formais e informais de definição das identidades criminosas/delinquentes (Zaccone, 2011).

É nesse sentido que a seletividade punitiva opera, excluindo uns em detrimento da proteção de outros. A criminologia crítica compreende o sistema penal como um mecanismo de manutenção das relações de produção, de dominação de classe e de aprofundamento das desigualdades sociais (Salomão, Bellotti, & Costa, 2019).

Para essa perspectiva criminológica, a visão positivista da criminologia que é representada principalmente pelas afirmativas de Lombroso na da obra "homem delinquente", que discorre sobre os estudos do autor no sentido de descobrir e afirmar aspectos físicos e genéticos que sejam capazes de identificar criminosos natos. Preconizada pela ciência e pela religião, as ideias de Lombroso guardam considerações racistas e preconceituosas (Salomão et al., 2019).

Foi a partir desses conceitos que nasceu o Código Penal Brasileiro de 1890, o de 1940, chegando até o Código Penal atual, que em seu artigo 59 ainda fala da aplicação de do agravamento da pena que considera a personalidade do criminoso (Salomão et al., 2019).

Além do código penal, outras leis a exemplo da Lei de execução Penal**,** nº 7.210, de 11 de julho de 198,4 que diz no seu art. 5º que diz: "Os condenados serão classificados, segundo os seus antecedentes e personalidade, para orientar a individualização da execução penal", também revelam as raízes do pensamento jurídico penal brasileiro.

O exposto marca a condição marginal a que a parcela preta, empobrecida e periférica é submetida. Tais diferenças entre quem está à margem e quem está no centro, se desdobram em iniquidade, traduzidas quando pessoas com necessidades e contextos diferentes de vida,

são tratadas como iguais. Prado, Lima e Xavier (2019), apontam para a problemática dessa questão quando falam da legitimação das desigualdades sociais através da política, “[...] que deveria ser domínio da igualdade”, (p. 42).

O Estado deveria produzir justiça social, mas desconsidera o rizomático processo de construção das desigualdades sociais, numa nítida tentativa de manutenção dos privilégios das elites e de regulação dos excedentes que não servem ao capital.

O processo de produção do corpo marcado para ser morto é complexo e construído no cotidiano do Estado e da sociedade civil e aprimorado desde a invasão das terras em 1500 para ser um sistema de regulação de corpos: os que podem viver e os que devem morrer (Mbembe, 2018).

4 Corpos Marcados

Foucault (2014, pp. 34-35) fala da "[...] descoberta do corpo como objeto e alvo de poder" e acrescenta que existe uma "teoria geral do adestramento" onde a docilidade reina como ideia e junta o corpo analisável ao corpo manipulável. "É um corpo dócil que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado".

O poder, no entanto, não é uma instituição ou uma estrutura, mas uma correlação de forças. Ele não pode ser adquirido, herdado, etc. É onipresente, não porque abarque tudo, mas porque advém de todos os lugares, ele se produz a cada segundo, em todas as relações.

> Assim, os mecanismos de poder devem ser analisados considerando essa correlação de forças e suas resistências heterogêneas, pontas que o poder tenta suprimir e que ao mesmo tempo são o que produzem e fortalecem a necessidade de poder e homogeneização (Foucault, 2020, p.105).

Isto é, na medida em que não há submissão às imposições, há a supressão através da exclusão, seja simbólica ou real.

O poder prevê sua preservação como dominação, esta que já fora do patriarca sobre a família e suas terras, do rei sobre seus súditos e que hoje é do Estado sobre seus governados e que apesar das "atualizações" detém objetivo comum: a gestão da vida e da morte.

Foucault (2020) menciona os romanos para localizar o direito soberano de deixar viver e fazer morrer, que é reflexo do direito que concedia ao pai de família romano dispor da vida dos filhos e das pessoas escravizadas por ele. Eles eram obrigados a tomar partido em sua defesa no caso de perigo. O soberano também poderia submeter à morte daquele que se opusesse a suas ordens. Assim, seu poder deixava viver ou fazia morrer. Essa tanatopolítica, no entanto, não foi o alvo principal de Foucault, mas a biopolítica, que dociliza politicamente os corpos e as torna economicamente ativos, promovendo a vida ou deixando morrer, servindo a uma anatomia política ou ao poder disciplinar dos corpos. (Foucault, 2020).

No século XIX, com a ascensão do modelo econômico industrial fordista, é crescente a necessidade de indivíduos que produzam e consumam em massa. Assim a gestão dos corpos é no sentido de ampliar as capacidades produtivas, para isso promove-se o controle da saúde, da natalidade, da sexualidade. O biopoder, segundo Foucault (2020), foi fundamental para a criação do capitalismo, que só pôde acontecer em vistas a "inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos" (p. 125). Para o autor, o poder promove a vida, mais longa e produtiva ou deixar morrer.

Agambem retoma a discussão sobre a tanatopolítica ampliando o conceito de Foucault e denunciando outra faceta do poder. Se na tanatopolítica de Foucault há no poder soberano, o de espada, ou seja, a gestão da vida deixando viver ou causando a morte, na tanatopolítica discutida por Agambem, esse poder é sobre promover a vida e conceder a morte. São produzidos cadáveres em vida, a morte social que define vidas que podem ser excluídas, marcando aqueles que se deve deixar morrer. Nessa perspectiva de dominação dos corpos, existe a organização da morte das outras pessoas, sem haver responsabilização, são mortes invisibilizadas e muitas vezes sem direito a luto. É um importante apartheid social que separa as pessoas em dois grupos, os que se deve fazer viver e os que se deve deixar morrer. (Lustosa, 2013).

Mbembe (2018) usa o termo necropolítica para denunciar um funcionamento higienista ainda mais ousado que define não só quem pode viver, como também quem deve morrer. São corpos que, ao não servirem à estrutura produtivista e consequentemente não gerarem capital, devem ser descartados, mortos. Assim, existe uma definição do grupo de pessoas que se sobrepõe a outro e é constituída por um padrão definidor de raça, primordialmente.

A necropolítica é a gestão da vida através da produção sistemática da morte de pessoas consideradas inferiores por definições de raça. Se a dominação, no sistema colonial, dizia respeito à sobreposição do poder dos colonizadores sobre suas colônias, no Estado neoliberal quem define o poder é o capital, isto é, aqueles que o detêm, são considerados superiores e se utilizam de definições biologicistas para afirmarem que existem raças inferiores que devem ser aniquiladas e raças superiores que devem ser preservadas.

Em antagonismo à imposição da morte aos corpos juvenis e pretos: vida. Apesar de partir da realidade de exclusão social que é histórica e conta sobre povos dominados, criminalizados, punidos, sequestrados e escravizados, não veremos só as dores produzidas nesse processo, mas a re-existência, a produção da subjetividade juvenil e preta, que é principalmente potência de vida. Não se pode resumir pessoas a seus desafios e permanecer colaborando para a perpetuação desses estigmas. Como diz Veras (2019), enfrentando a cegueira moral, nascem diversos tipos de existências.

Observando os caminhos construídos até a escolha do tema gerador para realização das oficinas de produção de dados desta pesquisa, também pude me olhar dentro do tema, a vida e a morte sempre foram dispositivos que me despertaram sensações.

> ... gerar minha vida, meu próprio nascimento foi resistir. Minha mãe vivenciava o luto da perda de um filho, enquanto cuidava do outro e gerava a mim, ao tempo que havia sido abandonada por meu pai. A vida sempre esteve em perigo, pois eu já conhecia morte dos outros desde sempre. A morte sempre fez parte da minha vida, numa dança entre ter medo da dor que a morte causa e a vontade de viver. (diário da autora, 18 de dezembro de 2022)

O efeito da morte na vida sempre causou, não só em mim, curiosidades e muitas teorias. Nos percursos para esta pesquisa, a compreensão deste binômio se tornou fundamental e foi na compreensão do poder sobre a gestão dos corpos que se revelou a relação entre vida e política.

A vida, que é discutida desde a antiguidade com os gregos inventores de boa parte dos conceitos de que nos servimos ainda hoje, era conceituada e dividida por duas palavras e dois

conceitos diferentes. O de bios, que revela o homem político, que se organiza coletivamente através da linguagem discursiva e o de zoé ou a vida comum, que somente sobrevive às necessidades do próprio corpo. Destarte, a passagem da voz à linguagem é que qualifica a vida (Barbosa, 2009).

A vida qualificada, para Aristóteles, era dividia em três instancias, a saber: filosófica, política ou de prazer. Não tendo a vida qualificada, os seres eram apenas viventes. Barbosa (2009), ao discutir tais termos na obra de Agambem, menciona que o autor já verificava vestígios da biopolítica ocidental no referido contexto histórico, pois haviam definições das formas de vida a serem incluídas no seio das estruturas de governo e aquelas que eram consideradas sobreviventes e que eram capturados através de suas exclusões. Agambem (2004) denuncia, então, essa vida nua como uma mera vida, com menos voz e valor, que mesmo na atualidade sendo protegidas por leis e estatutos, ainda são vidas em corpos matáveis.

5 É caminhando que se faz o caminho

Esta pesquisa se deu com e entre jovens em Liberdade Assistida (LA) cumprimento de Medida Socioeducativa em Meio Aberto, acompanhados pela equipe técnica do Centro de Referência Especializado da Assistência Social - CREAS, em Parnaíba-PI. O CREAS é o dispositivo da rede de atendimento socioassistencial, relacionada à Proteção Social Especial (PSE) de média complexidade, que representa "[...] às situações de risco pessoal e social, especialmente nas situações de violação de direitos" (Schmitt, Nascimento, & Schweitzer, 2016, p. 401) e é responsável por elaborar e executar o Plano Individual de Atendimento (PIA), que norteia as intervenções da equipe técnica responsável pelas Medidas Socioeducativas.

Os documentos referentes ao cumprimento das MSE chegam encaminhados pela 2ª vara criminal. As informações são inseridas em um banco de dados específico para esses casos, a educadora social faz o controle dos casos e marca a elaboração do Plano de Atendimento Individual (PIA).

O ECA estabelece através do seu artigo 145 que:

> Os estados e o Distrito Federal poderão criar varas especializadas e exclusivas da infância e da juventude, cabendo ao poder judiciário estabelecer sua proporcionalidade por número de habitantes, dotá-las de infra-estrutura e dispor sobre o atendimento, inclusive em plantões, (Brasil, 1990).

Apesar da concessão, em Parnaíba-PI, não há vara especializada na infância e da juventude e a responsabilidade pelas medidas socioeducativas é da 2ª vara criminal, enquanto outras demandas relacionadas ao mesmo público são direcionadas à 1º vara, da família.

A Lei complementar nº 157, que altera a Lei nº 3.716, de 12 de dezembro de 1979 determina a organização do judiciário. Vejamos especificamente como se dá a responsabilidade sobre crianças, adolescentes e jovens no trecho a seguir:

> Art. 43. As seis Varas da Comarca de Parnaíba, cada uma com um Juiz de Direito, repartem-se em:
> I - duas Varas Cíveis, por distribuição, denominadas numericamente de 1ª e 2ª, cumulando a 1ª os feitos relativos a registros públicos e a 2ª, os processos de Infância e Juventude não referentes a atos infracionais;
> [...]
> IV - duas Varas Criminais, por distribuição, denominadas numericamente de 1ª e 2ª.
> § 1º Cabem, privativamente, à 1ª Vara Criminal as atribuições do Tribunal do Júri, execuções penais, habeas corpus e as causas decorrentes de violência doméstica e familiar contra a mulher. A 2ª Vara Criminal tem competência privativa nos processos relativos a entorpecentes, atos infracionais praticados por adolescentes e cumprimento de precatórias (Piauí, art. 43, 2010).

Assim, é possível notar que não só não há uma justiça especial para encaminhar os jovens, como também existe uma nítida divisão entre aqueles que são vistos como sujeitos de direitos e os que devem ser punidos, já que são inadequados e configuram risco ao direito de outrem.

A metodologia desta pesquisa conta com estudos bibliográficos, documentais como matérias de jornais e prontuários. E também discute as implicações metodológicas da abordagem Sociopoética como *ethos*, considerando que:

*"*A ética não é "algo" que se injeta num projeto já escrito e nem se reduz a procedimentos. Ao contrário, deve fazer parte da sua elaboração e estar contida na tessitura do texto – desde a definição do objeto até a publicação dos resultados" (Minayo & Guerriero, 2014, p. 1104)

Esta pesquisa de natureza qualitativa contribuiu para a criação participativa de conhecimento, uma vez que a produção coletiva é indissociável da experiência compartilhada que amplia a potência de agir em prol da produção transcultural de conhecimento valorizando dimensões da arte e da espiritualidade como coexistentes à ciência, que:

> Ao pesquisar com o corpo inteiro promove a integralidade do ser humano e o dignifica, ao mesmo tempo que se opõe a qualquer forma de violência e opressão através de uma perspectiva transcultural em prol da produção coletiva de conhecimento valorizando a arte, a ciência e a espiritualidade. (Santos, 2018, p. 2)

Ou seja, defende que todos que fazem parte do estudo são essenciais na construção da sociedade. Os indivíduos possuem suas culturas, de acordo com suas vivências, e estas devem

ser respeitadas, já que não existem crenças e costumes mais válidos que outros. A Sociopoética tem como objetivo dar passagem às vozes que foram silenciadas e subalternizadas, para que estes terem o direito de se reconhecerem como pessoas, atuantes e pensadoras de si e de mundos

A Sociopoética operada nesta pesquisa foi valorizada como *ethos* com base nos 5 princípios que a constituem, quais sejam: pesquisar com o corpo todo; valorizar as culturas dominadas e de resistência; transformar em copesquisadores os sujeitos da pesquisa, tornando-os responsáveis pela produção do conhecimento; produzir dados através de dispositivos artísticos; buscar o sentido espiritual na construção de saberes (Gauthier, 1999).

Esse método foi criado por Jacques Gauthier, filósofo e pedagogo, entre os anos de 1993 e 1995. O autor compreende Método pelo viés de Edgar Morin (Petit, 2014) que aborda a construção do conhecimento sob a perspectiva da complexidade - um tecer junto que aproxima a ciência do cotidiano, o saber do fazer, o pesquisador da ação; trazendo a possibilidade não cartesiana de abordagem epistemológica (Morin, 2000).

Aqui convém dizer como o método escolheu esta pesquisa através de trechos de um dos meus diários de itinerância, já que:

Eu posso afirmar que a questão do método para o desenvolvimento da pesquisa, se configurou como um impedimento inicial, pois na minha graduação, éramos impelidos a estudar prioritariamente métodos quantitativos, desde as matérias de estatística, até as de Testes Psicológicos onde aprendemos a quantificar, a padronizar comportamentos humanos. Assim, eu havia aprendido um tipo de método, onde a pesquisa, a psicologia de uma forma geral, buscavam neutralidade, ambientes controlados e tudo o que pudesse, “dentro da ética”, auxiliar na obtenção da tão sonhada pesquisa neutra. [...] Considerando a bagagem que eu tinha no momento, a vontade reacendida de voltar a estudar academicamente e fazer pesquisa, precisava me inscrever na seleção [...] Na terceira tentativa (de passar no mestrado), no meio

da pandemia de covid-19, na segunda chamada eu era a única classificada. Passei e não foi para o orientador pretendido. Shara e eu nos encontramos, com todo sentido que a palavra encontro pode ter. Parece que estava mesmo marcado. Para antes do método ou da professora, eu precisava mesmo era da Orí-entação dela, desse caminhar amoroso e firme. Mas junto disso eu fui presenteada por um método que me é intuitivamente familiar, a Sociopoética começou a me inspirar também.

Sobre o uso dos diários de itinerância (Barros & Kastrup, 2009, p. 70) afirmam que as "[...] anotações colaboram na produção de dados de uma pesquisa e têm a função de transformar observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer. Há transformação de experiência em conhecimento e de conhecimento". Assim, os diários constituem uma memória materializada, muito importante para a construção dos textos que apresentam os dados e resultados produzidos nesta pesquisa.

Em se tratando de inspirações, a propósito, o criador da sociopoética afirma que ela surge da convergência de outras abordagens como a pedagogia e o teatro do oprimido, a pesquisa-ação, a análise institucional e a socioanálise, os grupos operativos, além de ser completamente infectada por seus estudos inter e transculturais e dentre outros (Gauthier, 2012).

É importante citar também a enfermeira e professora Iraci dos Santos, que foi a primeira orientanda de Gauthier, durante o doutorado. Ela foi a primeira pessoa a pôr em prática a filosofia de Jacques, à medida que buscavam juntos um método que provocasse prazer, ao invés de sofrimento: uma queixa importante de Iraci sobre os processos de pesquisa até então experimentados.

A sociopoética carrega no nome a proposta de fazer pesquisa com grupos, transformando-a em uma experiência poiética (de poiésis), que significa, do grego, criação.

Ou seja, a Sociopoética produz os dados através de experiências de criação grupal (Petit, 2014).

Um dos pontos que me encantam neste modo de fazer pesquisa é a invenção. Na produção "Tudo que não inventamos é falso" (Adad, Petit, Santos, & Gauthier, 2014), o título, que é uma paráfrase de Manoel de Barros, já produz desterritorializações, outro ponto importante para o trabalho sociopoético acontecer. Assim, observa-se que mesmo surgindo de um concatenado de abordagens, a sociopoética é uma invenção única, transdisciplinar e eticamente engajada com a heterogeneidade na pesquisa, pois não está interessada em perceber o que é homogeneizado no grupo, mas aquilo que é singular, diferente.

A Sociopoética acredita nos impactos da pesquisa no grupo-pesquisador, o que a assemelha a uma Pesquisa Participante, no entanto, a diferença entre elas é marcada quando a Sociopoética não visa a intervenção no grupo ou a psicologização dos participantes, além de considerar que o pesquisador é um facilitador inserido no grupo que impacta, mas também é impactado e não planeja a resolução de problemas, é outra releitura da pesquisa-ação (Gauthier, 2012; Petit, 2014).

A instituição do grupo-pesquisador foi criada a partir de Paulo Freire e dos seus círculos de cultura, dispositivo em que pessoas comuns e especialistas compõem um tema-gerador visando planejar a ação educativa, como menciona Petit (2014). Nas palavras da autora, "[...] na pesquisa sociopoética, os pesquisadores oficiais se transformam em facilitadores de oficinas e convidam o público-alvo a se tornar copesquisadores de um tema-gerador, a partir de uma negociação conjunta" (p. 22). No "Oco do Vento", Gauthier (2012) fala da formação do grupo-sujeito que "autogere seus devires" (p. 101), nesse tocante é possível citar inúmeros atravessamentos que entrecruzam a Sociopoética e a mim também.

Considerando o grupo como sujeito, por exemplo, é possível sair da dicotomia cartesiana na pesquisa, a qual entende o sujeito como sendo aquele estuda um objeto e, por

sua vez, este último é dissecado e é partícipe da pesquisa como um cadáver, sem vida nem alma. Esse apontamento também é uma saída para falar sobre a integralidade da pesquisa sociopoética, que enxerga o grupo como organismo vivo e transversal que produz sentidos e, do mesmo modo, produz os dados da pesquisa ativamente, vividamente.

Os sujeitos nesta pesquisa são denominados de copesquisadores e a pesquisadora acadêmica de facilitadora e participam da produção dos dados, da análise dos resultados e da contra-análise, sendo reconhecidos e seus saberes são validados.

Antes de ir a campo para a produção de dados estive com jovens na MSE dia 17 de dezembro de 2021, tendo em vista que a equipe técnica me solicitou apoio, tanto por considerar minha atuação profissional de psicóloga em ações anteriores, meus estudos no campo, quanto pela nova realidade de inserção de facções brasileiras no território parnaibano. Além disso, seria o retorno das atividades presenciais depois do início da pandemia de COVID-19.

Foi durante a minha atuação junto às medidas que a pandemia de COVID-19 eclodiu, chegando ao Brasil e em Parnaíba. Na primeira onda as orientações eram de suspensão das atividades presenciais por 90 dias, no entanto, o alto nível de transmissibilidade do novo coronavírus, transformou os serviços e por dois anos foi necessária grande adaptabilidade. Nas medidas socioeducativas não seria diferente. Com a pausa das atividades presenciais, as execuções de MSE também foram suspensas no CREAS e para o judiciário. Inicialmente os processos foram completamente suspensos e em seguida o juizado os enviava ao Ministério Público Estadual para que ele se manifestasse, mesmo tendo em vista a impossibilidade de execução de medidas em meio aberto. As MSE de internação continuavam funcionando. Assim, aqueles jovens que estivessem em internação provisória por até 45 dias e fossem sentenciados à internação definitiva nesse prazo, seriam transferidos para o CEM – Centro Educacional Masculino, mas aquele que estivesse em liberdade quando sentenciado, deveria

aguardar o julgamento do recurso em liberdade. O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) emitiu a Recomendação Nº 62 de 17/03/2020 que resolve:

> Art. 1º Recomendar aos Tribunais e magistrados a adoção de medidas preventivas à propagação da infecção pelo novo coronavírus – Covid-19 no âmbito dos estabelecimentos do sistema prisional e do sistema socioeducativo. (Brasil, 2020)

O documento faz recomendações sobre quais medidas devem ser tomadas diante do contexto pandêmico, inclusive com os jovens em cumprimento de MSE.

Em 2022, houve o processo de retomada das MSE em meio aberto, foi o momento em que retornei ao campo no sentido de auxiliar as técnicas de referência e também de iniciar o processo de vinculação com o grupo para desenvolver esta pesquisa.

> O encontro com os meninos, dessa vez só homens, foi bem bacana, alguns deles eram jovens que não concluíram o cumprimento enquanto estiveram comigo, por causa da eclosão do COVID-19, e retornaram ao CREAS para terminar. Foi muito bacana reconhecê-los e ser reconhecida por eles. Também tinha gente nova, nós lanchamos e conversamos sobre como desejávamos que fossem os encontros. (diário da autora)

Em meio a esta aproximação, como sugere os procedimentos sociopoéticos, dei prosseguimento ao processo de definição e **teste do dispositivo de produção dos dados** e inscrição no comitê foi se dando de forma profícua, autorizado dia 29 de novembro de 2022, com no CAAE de número 64550922.1.0000.0192. A pesquisa, então, se encaminhou para o momento da experimentação do dispositivo com lentidão, mas com proveito tendo em mãos o objetivo geral desta pesquisa: investigar como jovens em comprimento de MSE produzem vida, envolvi-me com a necessidade de escolha de um tema-gerador para as oficinas artísticas de produção de dados conduzidas na pesquisa Sociopoética, VIDA foi a escolha.

Com o tema-gerador definido e as sugestões da banca de qualificação, e em especial do prof. Dr. Guilherme Prado, um jogo começou a ser pensado para servir de dispositivo nas oficinas. Inspirado em experiências lúdicas com cartas como *Yu-Gi-Oh!* e RPG foi possível testar a exequibilidade da elaboração de cartas de criaturas mágicas.

O primeiro teste foi com graduandos em psicologia e convidados. Na ocasião houve e experimentação da oficina de elaboração das cartas.

> Levei pincéis, canetinhas coloridas, tintas, lápis de cera e muito papel. A Kricia Sousa, doutoranda em educação com a Shara e sociopoeta, estava comigo e me fez sentir mais segura, apesar de nervosa. Começamos apresentando a Sociopoética e o tema-gerador e seguimos com o relaxamento. Aproveitando o relaxamento, a viagem imaginária para a transformação na criatura vida começou a ser conduzida. (diário da autora, 08/12/2022)

Ao final da viagem imaginária solicitei que cada participante desenhasse uma carta que deveria conter uma Criatura-Vida, um nome para ela, um super poder, um mundo com um nome e um problema. Com as cartas prontas, houve ciranda de conversação para partilha da experiência e depois foi pedido que os participantes sugerissem um modo de jogar com aquelas cartas. Em diálogo, decidiram por um jogo colaborativo, onde as criaturas visitariam umas os mundos das outras no objetivo de conseguir aprendizados, simbolizados por um quebra-cabeças, para a reconstrução de mundos destruídos, não seus próprios, outros.

Além da primeira experimentação da técnica para produção de dados da pesquisa, houve ainda uma segunda oportunidade de testar o dispositivo, dessa vez com Sociopoetas importantes como a Profª Dra. Shara Jane, Ma. Clara Jane, sua filha e ainda Profª Drª Sandra Petit.

> A Shara levou material de expressão pra viagem e perguntou se eu gostaria de testar a técnica. Era uma oportunidade incrível, estavam Jacques Gauthier, Receba, Sandra, Sandro, Letícia, Clara e muitos outros nomes, mas acabou não sendo com todos eles, na verdade foi no finalzinho da viagem, na casa da Sandra. (diário da autora, 12/09/2022)

Na ocasião, conduzi o relaxamento e a experimentação sociopóetica (ANEXO) como no primeiro teste. As três sociopoétas produziram suas cartas com suas Criaturas-Vidas, seus poderes, seus Mundo-Vida e os problemas deles e em seguida houve a exposição oral das cartas. Com a primeira parte testada, nos propomos a averiguar a exequibilidade da segunda parte da oficina, que seria o jogo proposto pelo primeiro grupo-teste. O jogo colaborativo, onde cada criatura visitaria o mundo umas das outras para conseguir aprendizados representados por um quebra cabeça, se mostrou confuso e foi retirado da oficina de produção de dados, mantendo-se a primeira parte da construção das cartas.

Com as oficinas delineadas e planejadas, voltei ao campo para fazer os primeiros movimentos de execução da pesquisa.

No CREAS, pós-pandemia houve esvaziamento de jovens no serviço. Os que estavam em cumprimento foram encerrando suas MSEs e, segundo o Técnico do Judiciário Responsável pelas MSE (em conversa informal), os motivos de novos casos são estarem chegando era uma mudança no sistema de informática gerenciador dos processos jurídicos, que passou do Themis para o PJe, gerando um grande atraso no encaminhamento dos casos para o CREAS, além da diminuição na incidência de atos infracionais de caiu de 130 em 2019 para 32 em 220 e 75 em 2021.

Com o número de participantes inferior ao desejado para formação de um grupo, o critério do grupo-pesquisador não foi cumprido, o que a princípio se mostrou como um impedimento para o desenvolvimento da Sociopoética, no entanto, o fazer sociopoético se manteve como *ethos* da pesquisa, como nos ajudou a notar a Professora Dra. Ana Karenina Arraes no exame de qualificação deste estudo.

Assim, depois de longa espera, início a pesquisa com os dois jovens que estavam em cumprimento de MSE. Os dois moram em bairros marginalizados, o Santa Luzia e Conselheiro Alberto Silva, um é negro e tem 18 anos e o outro é pardo e tem 19 anos. Este último cumpre progressão de medida do meio fechado para Liberdade assistida em maio aberto, enquanto o outro cumpre Medida Socioeducativa de Prestação de Serviço à Comunidade, convertida também em Liberdade Assistida.

Os jovens foram então notificados para o comparecimento no CREAS. Um deles chegou pontualmente e tivemos que aguardar o outro para dar início à oficina. Durante a negociação, sendo os jovens maiores de idade assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando em participar da pesquisa e permitindo gravação de áudio da nossa conversa.

Durante a conversa inicial podemos partilhar um lanche que levei para mediar o vínculo. A comida sempre foi um facilitador dos meus encontros com os jovens quando ainda era técnica das MSE. Apesar de não haver o subsídio necessário para oferecer lanches nutritivos ou mesmo atraentes, fazíamos o possível para nunca faltar, já que dentre os jovens, alguns estavam com fome durante os encontros. Assim, durante a pesquisa também considerei a importância do lanche para o encontro.

Depois do lanche e dos acordos, passamos ao relaxamento e a viagem imaginária (ANEXO), logo após estes momentos iniciais, solicitei aos jovens que produzissem a seu modo as cartas do jogo contendo o desenho e o nome da criatura em seu mundo, inserir também o poder da criatura seguido do problema no mundo. Em seguida, nos reunimos em roda, chamada por mim de ciranda das conversações, momento em que eles partilharam sobre suas criaturas-vida e sua experiência com a viagem imaginária e produção artística. A seguir, as imagens e as narrativas dos relatos orais. Vejamos:

> O nome da criatura é Vida-Palhacin. Ele é um doido, é um palhaço. A cor do cabelo dele é vermelho, a pele é branca. Se veste todo de vermelho. Ele gosta tanto de vermelho porque é o certo e o justo, porque ele tá correndo pelo certo. O vermelho é um tipo de identificação. E o poder do Criatura-Vida-Palhacin é salvar vidas do mundo de quem anda pelo certo. Olha aí o **Mundo-Vida-Pesadelo.** Nele, no mundo-pesadelo-vida, o problema é não ter paz. No Mundo-vida-pesadelo tá cheio de pesadelo, não tem mais paz. Nessas **Guerras-Negócio-de-Facção** de hoje, tá morrendo muitas pessoas, umas inocentes, mas a maioria não é inocente porque no dia de hoje pra pessoa tirar a vida de uma pessoa, tem que ter alguma coisa ocorrido. Ser inocente é o cara provar que não fez o errado, tem que provar, e o errado é quando alguma pessoa faz uma coisa que desagrada o pessoal, como a facção (regra). Aí o problema no **Mundo-Vida-Pesadelo** é as mortes, tá tendo demais a morte das pessoas, a destruição da maioria dos adolescentes que tão entrando nessas coisas do crime. Se eu pudesse salvar vida, salvava das pessoas que andam pelo certo, mas quem fosse errado eu não apoiava também não. É, o poder dele é salvar vidas de quem anda pelo certo. Quem anda assim pra ser um cidadão, faz todas as coisas pelo certo, na hora que aquela pessoa faz errado, do jeito que as coisa tão hoje aí, os cara não vão deixar passar esse tipo de coisa. Aí por isso, quem anda pelo certo pode andar sossegado. Mas e quem anda escondido, pelo errado? O que eu penso é isso. **Criatura-Vida-Palhacin** só vai se aquietar quando ele arrumar uma pessoa certa, pra botar ele no lugar dele. E não é relacionamento amoroso, isso aí ele já tem. Ele tá precisando é de outra coisa pra se aquietar. Um filho pra ele se aquietar, só isso que vai poder aquietar ele. Enquanto isso, ele vai continuar do mesmo jeito. Ele tá quieto sim, tem parte que ele fica mais quieto, mas quando vê que tão passando já dos limites ele faz alguma

> coisa para poder resolver as coisas dele. A **Criatura-Vida-Palhacin** tá quieto e em **alerta.** A criatura tem muitos informantes, que informa quando a pessoa tá falando da pessoa, quando fica criticando, quando tem olho grande, nesse **Mundo-Vida-Pesadelo** só tem mais é olho grande, pois quando vê a pessoa crescendo assim, diz: "rapaz, aquele menino ali tá vendendo é coisa", não sei o que. Falando altas coisas, criticando a pessoa aí o pessoal pega e avisa pra ele ficar alerta para esse tipo de pessoa, a **pessoa-olho-grande**. O poder do Palhacin-Vida influenciaria no que ele estiver vendo errado, ele pode fazer alguma coisa, pra corrigir esse pessoal errado. Ele não tem mais de um poder. Serve pra isso aí. Mas ele tem um poder que é o lado escuro dele. **CRIATURA-VIDA-PALHACIN**

Destaco mais uma vez que os dados relatados acima e produzidos na oficina artística foram transformadas em narrativas para cada carta e a respectiva criatura e minhas perguntas foram incorporadas nos relatos e respostas deles, já que assim como na pesquisa sociopoética, considerei a mim, a pesquisadora, também na relação com a pesquisa e por levar em conta a necessidade de dar maior compreensibilidade possível aos dados produzidos, sem destitui-los dos seus protagonismos. Para dar início às análises, as narrativas foram sistematizadas nas

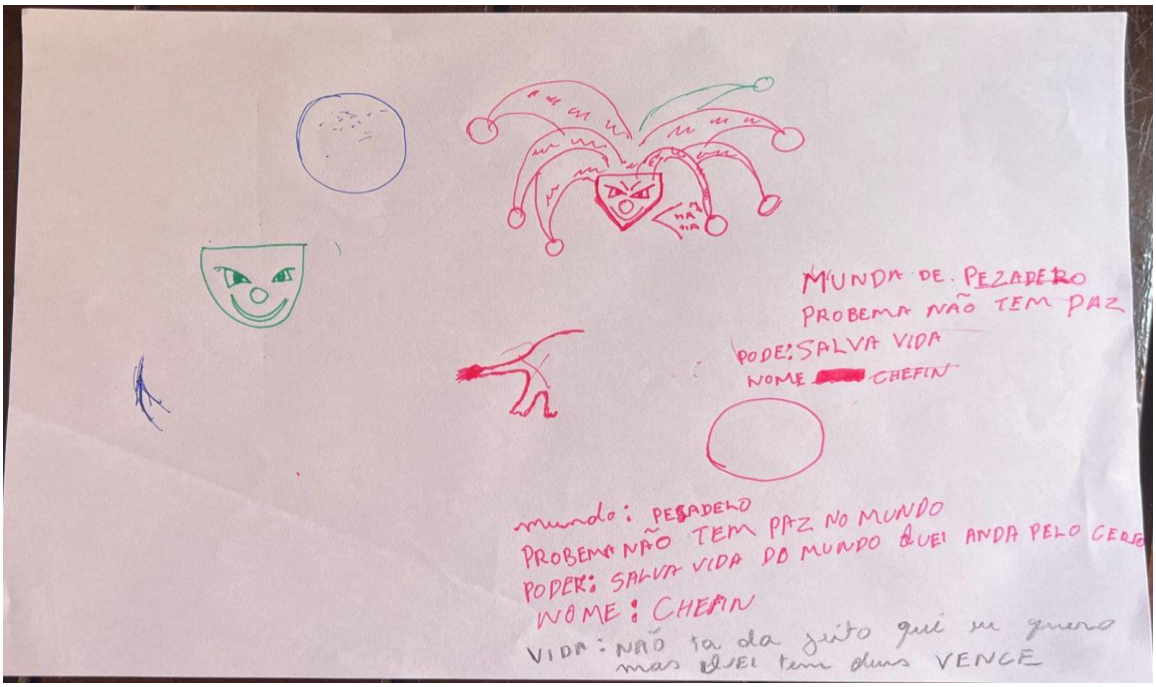


Figura 01. Desenho Criatura-Vida-Palhacin.

Fonte. Adaptado de Linhares et al. (2022)

quatro categorias sugeridas para a construção artística das cartas: nome da criatura-vida, nome do mundo-vida, poder da criatura e problema do mundo.

As informações foram reorganizadas aproximando-se as narrativas conforme as categorias estabelecidas para análise. Isto é, todas as falas referentes à identificação foram concatenadas, assim como as sobre o poder, caracterização do mundo e problemas do mundo.

> **Vida-Sobreviver** é a criatura que não sabe nem o que lhe falar, *ó*. Ele é mais na dele, porque é tímido, é dele mesmo. O poder da **Criatura-Vida-Sobreviver** é no *estilo* da criatura Vida-Palhacin que é salvar vidas, é ter a paz no mundo, que é o que o mundo tá precisando. Para esta criatura qualquer nome serve, né? Sobreviver, sei lá. O poder dele é estilo o do Criatura-Vida-Palhacinho, salvar vidas, que é o que o mundo tá precisando. O **Mundo-Vida-Sem-Dó** da **Criatura-Vida-Sobreviver** é estilo a realidade de hoje em dia, do jeito que o mundo tá, não é como antigamente, tanta guerra que tá tendo, morte. Não tem liberdade, antigamente a pessoa tinha liberdade pra andar onde for e hoje em dia é difícil. Não é liberdade é paz. É o **Mundo-Vida-Sem-Dó**, pronto. A pessoa hoje em dia tem que andar pelo certo, porque se não andar pelo certo já sabe como é no mundo de hoje. Certo, é a pessoa correr pelo certo. Fazer o que é certo e não o errado. O mundo de hoje tá cheio de coisa, maldade, o cara não tem mais aquela liberdade que tinha antes, de sair e voltar pra casa. **Mundo-Vida-Sem-Dó** é um pouco embaçado, porque tem lugar que a gente quer levar as namorada e não pode. Que as vezes o cara se previne…E nós também já somos de outras quebradas diferente. Só da pessoa morar em bairro pesado, a pessoa já fica falado. Quando não tinha facção todo mundo tinha só liberdade. Isso começou em dezembro de 2019. Se a Parnaíba todinha fosse uma facção só... Em Luiz Correia o bagulho tá doido. O cara não pode andar em paz. Pessoa é discriminado só porque mora num bairro, numa cidade.

Categoria 1 - Identificação da criatura-vida.

> O nome da criatura é **Vida-Palhacin**. **Criatura-Vida-Palhacin** é uma criatura doida, é um palhaço. A cor do cabelo dele é vermelho, a pele é branca. Ele se veste todo de vermelho. Ele gosta tanto de vermelho porque é o certo e o justo, porque ele tá correndo pelo certo. O vermelho é um tipo de identificação da **Criatura-Vida-Palhacin**
> A criatura **Palhacin-Vida** está quieto e em **alerta.**
> **Vida-Sobreviver** é a criatura que não sabe nem o que lhe falar, *ó*. Ele é mais na dele, porque é tímido, é dele mesmo.

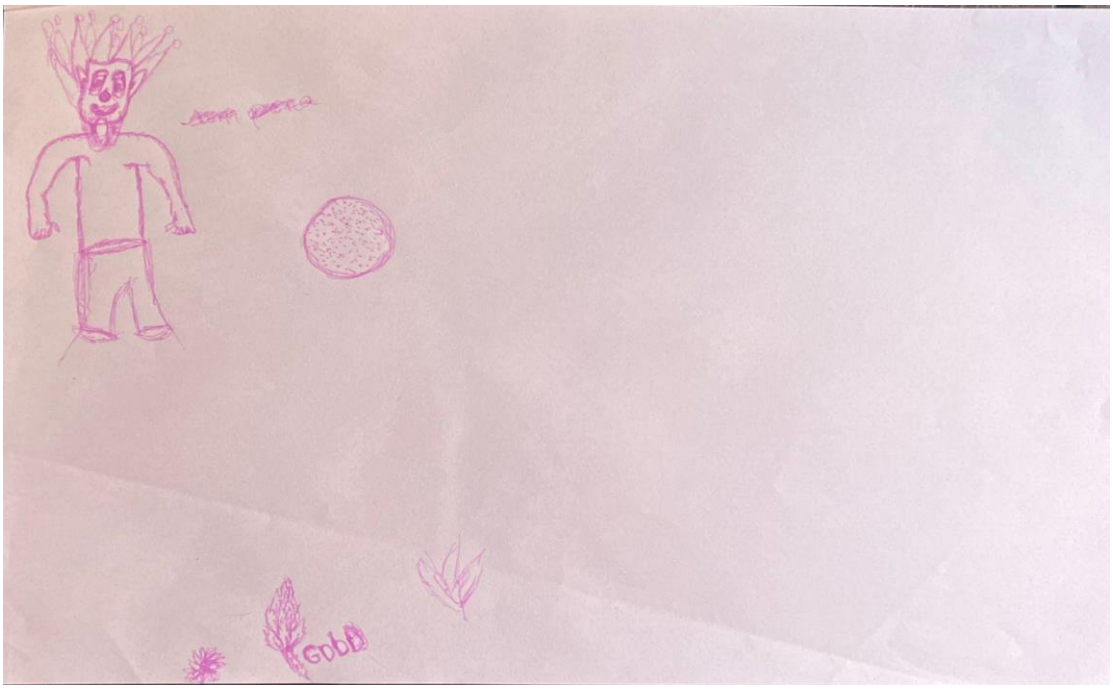


Figura 02. Desenho Criatura-Vida-Sobreviver

Fonte. Adaptado de Linhares et al. (2022)

Categoria 2 – O poder da Criatura

O poder da **Criatura-Vida-Palhacin** é salvar vidas do mundo de quem anda pelo certo. Se a criatura pudesse salvar vida, salvava das pessoas que andam pelo certo, mas quem anda escondido, pelo errado, ele não apoiava também não. É isso que a criatura pensa. Ele tá quieto sim, tem parte que ele fica mais quieto, mas quando vê que tão passando já dos limites ele faz alguma coisa para poder resolver as coisas dele.
Criatura-Vida-Palhacin só vai poder se aquietar quando ele arrumar uma pessoa certa, pra botar ele no lugar dele. E não é relacionamento amoroso, isso aí ele já tem. Ele tá precisando é de outra coisa pra se aquietar. Um filho pra ele se aquietar, só isso que vai poder aquietar ele. Enquanto isso, ele vai continuar do mesmo jeito.
A **Criatura-Vida-Palhacin** tem um poder que é o lado escuro dele.
O poder da **Criatura-Vida-Sobreviver** é no *estilo* da **Criatura-Vida-Palhacin** que é salvar vidas, é ter a paz no mundo, que é o que o mundo tá precisando. Para esta criatura qualquer nome serve, né? Sobreviver, sei lá.

Categoria 3 – Mundo onde habita a criatura

No **Mundo-Vida-Pesadelo** só tem mais é olho grande, pois quando vê a pessoa crescendo assim, diz: "rapaz, aquele menino ali tá vendendo é coisa", diz não sei o que. Falando altas coisas, criticando a pessoa aí o pessoal pega e avisa pra ele ficar alerta para esse tipo de pessoa, a **pessoa-olho-grande**. A criatura tem muitos informantes neste mundo, que informa quando a pessoa tá falando da pessoa, quando fica criticando, quando tem olho grande.
O **Mundo-Vida-Sem-Dó** da criatura Vida-Sobreviver é estilo a realidade de hoje em dia, do jeito que o mundo tá, não é como antigamente, tanta guerra que tá tendo, morte. Não tem liberdade, antigamente a pessoa tinha liberdade pra andar onde for e hoje em dia é difícil. Não é liberdade é paz. Pessoa é discriminado só porque mora num bairro, numa cidade.

Categoria 4 – Problemas da Criatura

O problema **Guerras-Negócio-de-Facção** no mundo-pesadelo-vida é não ter paz e estar cheio de pesadelo, de mortes, tá tendo demais a morte das pessoas, a destruição da maioria dos adolescentes que tão entrando nessas coisas do crime. Nessas **Guerras-Negócio-de-Facção** de hoje, tá morrendo muitas pessoas, umas inocentes mas para ser inocente neste mundo o cara tem que provar que não fez o errado. Mas a maioria não é inocente porque no dia de hoje pra pessoa tirar a vida de uma pessoa, tem que ter alguma coisa ocorrido, algo errado. E o errado é quando alguma pessoa faz uma coisa que desagrada o pessoal, como a facção (regra). (**problema-pesadelo** é na relação com o pessoal da facção)
Do jeito que tá hoje em dia quase ninguém tem liberdade no mundo-vida-pesadelo. Tipo tem estabelecimento que a gente não anda muito porque nós já somos de outras quebradas. Se tudo fosse vermelho era mais tranquilo. (**problema-pesadelo** com os outros no mundo-vida-pesadelo (os das outras quebradas, o de morar em bairro pesado) em relação ao que a criatura é).
O problema do **Mundo-Vida-Sem-Dó** é o de a pessoa hoje em dia ter que andar pelo certo, porque se não andar pelo certo já sabe como é no mundo de hoje. Pessoa certo é a pessoa correr pelo certo. Fazer o que é certo e não o errado. O mundo de hoje tá cheio de coisa, maldade, o cara não tem mais aquela liberdade que tinha antes, de sair e voltar pra casa.
Mundo-Vida-Sem-Dó é um mundo pouco embaçado porque tem lugar que a gente quer levar as namoradas e não pode. Que as vezes o cara se previne…E nós também já somos de outras quebradas diferente. Só da pessoa morar em bairro pesado, a pessoa já fica falado. Quando não tinha facção todo mundo tinha só liberdade. Isso começou em dezembro de 2019. Se a Parnaíba todinha fosse uma facção só... Em Luiz Correia o bagulho tá doido. O cara não pode andar em paz. O problema do **Mundo-Vida-Sem-Dó** é de a pessoa é discriminada só porque mora num bairro, numa cidade.

Com a quase impossibilidade de um segundo encontro presencial e a insegurança de que os dados contemplariam os objetivos da pesquisa, pedi que eles enviassem fotos de lugares em que sentissem vida.

Em posse das falas transcritas e das fotos, enviei mensagem para os participantes e perguntei se seria possível um novo encontro para confirmação dos primeiros dados, uma espécie de contra-análise, que eles reagiram bem e gostaram muito; e produção de mais dados, agora sobre as fotos que eles enviaram.

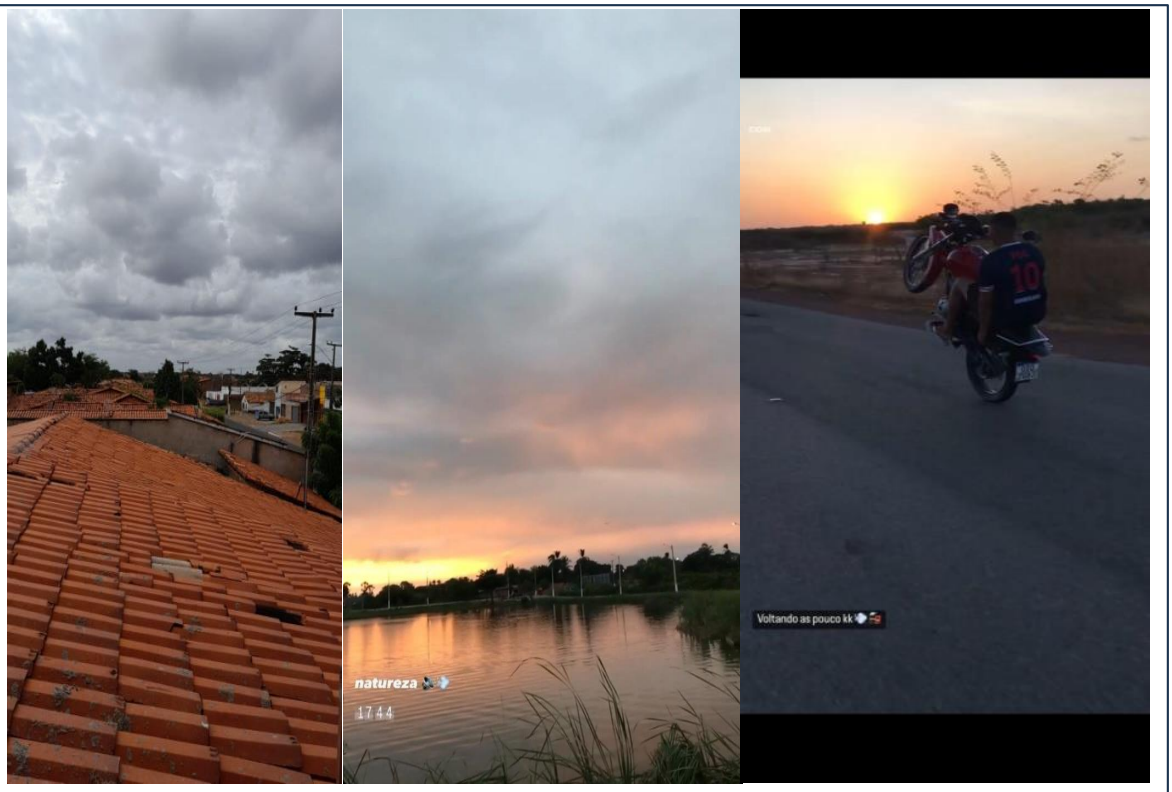


Figura 03. Fotografia Tranquilidade/ Vida/Paz.
Fonte: Adaptado de Linhares et al. (2022)

Figura 04. Fotografia Nárnia
Fonte: Adaptado de Linhares et al. (2022)

Nas experiências de compartilhamento dos primeiros dados os jovens reagiram sorrindo e concordando. Um dos participantes não esteve presente no encontro marcado, mas entrou em contato e marcamos um novo encontro. Em decorrência disso, os segundos encontros foram individuais. Neles exercitamos a produção de metáforas sobre as fotos. Primeiro eles foram perguntados como foi tirar a foto ou gravar o vídeo e depois convidados a dar um nome para aquela imagem e responder a seguinte pergunta. E se (o nome escolhido para a imagem) fosse a vida, como a vida seria?

Como a anterior, esse dispositivo de produção de dados foi sociopoético. As metáforas são “um potente instrumento de identificação do sentido que os sujeitos projetam no mundo”, (Gauthier, 2004), constituindo um bom meio de acessar discursos e produzir dados.

Após a transcrição, a exemplo dos primeiros relatos, as falas deste momento, também, foram transformadas em textos longos e corridos, incorporando minhas perguntas tornando as respostas dos jovens, relatos longos. Em seguida, separando as falas por dimensões, analisei três dimensões do pensamento daqueles jovens nas quais foram distribuídas as narrativas dos relatos longos: Dimensão 1: Corpos na Guerra. Dimensão 2 – Necrografia dos territórios 3 – Biografia menor. (ANEXO)

A Segunda dimensão, Necrografia dos territórios será discutida no próximo capítulo, enquanto Corpos da Guerra e Biografia Menor serão abordados no capítulo seguinte.

6 Necrografia: nem liberdade, nem paz

"Todo camburão tem um pouco
de navio negreiro"
(O Rappa)

Desde o início da escravização até os dias de hoje, isto é, do navio negreiro ao camburão, a falta de liberdade é o que tira a paz de pessoas jovens, negras, empobrecidas e periféricas no Brasil. Essa também é a denúncia que salta aos olhos nesta pesquisa feita em Parnaíba-PI. Assim, apesar do desejo de iniciar as discussões dos dados pela elucidação da vida produzida pelos jovens em Medida Socioeducativa (MSE) através de suas linhas de fuga, construídas por meio da arte e das relações de amor e amizade, vamos iniciar dando passagem a voz dos jovens para dizerem sua maior queixa, que se trata da falta de liberdade e paz, expressada hoje na disputa territorial e consequente divisão da cidade entre dois grupos.

Os jovens denunciam elementos dessa disputa que é uma realidade presente no seu cotidiano. É uma guerra que demonstra a escrita da morte ou do corpo morto, ou ainda a **necrografia** escrita nos territórios do **Mundo-Pesadelo-vida** e do **Mundo-Vida-Sem-Dó.** A consistência destes conceitos permeados de afetos realçou o viés intensivo de uma cartografia da produção da morte ou de grafias territoriais da morte nos espaços de Parnaíba-PI ao advir do **Problema-Guerra-Negócio-de-Facção**. Problema este que**,** dependendo do lugar onde se mora, gera a possibilidade de não ter paz "por causa das mortes que tá tendo demais".

Dessa forma, a necrografia assume dois significados que se interseccionam. O primeiro é o traçado geográfico da produção da morte e o segundo, sendo o contrário de biografia ou de escrita da vida, ou seja, necrografia também é a escrita da morte, como já destaquei. Assim, além de traçar em quais lugares se pode viver e se deve morrer, a necrografia institui também quais são os corpos que devem morrer.

> O **Problema-Guerras-Negócio-de-Facção** no mundo-pesadelo-vida é não ter paz e estar cheio de pesadelo, de mortes, tá tendo demais a morte das pessoas, a destruição

> da maioria dos adolescentes que tão entrando nessas coisas do crime. (Criatura-Vida-Palhacin).
> Os corpos e espaços são consagrados pela necrografia como alvos do genocídio da população jovem - juvenicídio. Nessa guerra, há "a destruição da maioria dos adolescentes que tão entrando nessas coisas do crime" "quem entra nessa vida do crime, vai demorar o tanto que for, mas um dia sabe só da notícia, ou quando num é preso, né ou é morto" (Criatura-Vida-Palhacin)

Juvenicídio é a condição final de um processo social mais amplo. Para compreender as mortes de jovens na América Latina é preciso visualizá-las em um cenário social mais amplo que inclui processos de precarização econômica e social, estigmatização e constituição de grupos, setores e identidades juvenis desacreditadas - fatores que implicam na constituição de corpos-territórios juvenis como âmbito privilegiado de morte" (Costa, 2021)

A morte matada de jovens negros ou não brancos e periféricos é a atual expressão da Necropolítica.

> O mundo de hoje tá cheio de coisa, maldade, o cara não tem mais aquela liberdade que tinha antes, de sair e voltar pra casa. É um pouco embaçado né, porque tem lugar que a gente quer levar as namorada e não pode. Que as vezes o cara se previne…E nós também já somo de outras quebrada diferente. Só da pessoa morar em bairro pesado, a pessoa já fica falado. (Criatura-Vida-Sobreviver)

Os limites impostos pelos riscos explicitam que existem espaços por onde se pode viver e onde se deve morrer, a depender de onde se mora. Além disso, há lugares onde se quer, mas não se pode arriscar levar um amor, exclusivamente por sua localização geográfica. "É embaçado". O cara tem que se prevenir por "ser de outras quebrada diferente" e "ficar falado só por morar em bairro pesado".

Para discutir sobre o jovem marcado pelo bairro pesado em que mora, Adad (2016, p. 36) trata do "confeto medo-morte que é lugar onde o jovem mora, pois é muito perigoso e violento e diante deste medo deve-se ter cuidado porque não se sabe o dia de amanhã". Na pesquisa de Adad (2016), o bairro onde se mora é percebido como um local de risco, o que promove a desconexão dos vínculos dos jovens com seus próprios bairros e a falta de pertencimento. Nesta pesquisa, entretanto, é possível notar pertencimento e conexão com o bairro onde se mora quando a Criatura-Vida-Palhacin diz:

> porque lá na minha rua lá eu tenho voz, os bandido, os pessoal lá, a associação, a população lá tudo me respeita. Or menino também, negócio de facção, os cara tudo me respeita, tenho uma voz, mesmo não sendo envolvido de nada.

Ou quando a Criatura-Vida-Sobreviver diz que:

> Aqui eu tô lá no bairro mermo, aqui é as casa que tem do ladicá do bairro. Que a água tá…tá cobrido de água né. Agora não tá coberto de aguá. Só o massa pro cara fumar um lá.

No entanto, mesmo havendo pertencimento com o bairro, a cidade não pode ser ocupada por eles de forma livre, "tem lugar que a gente quer levar as namorada e não pode" pois "só da pessoa morar em bairro pesado, a pessoa já fica falado" e ocupar os espaços da cidade passa a ser arriscado. Nessas condições, a limitação, que é territorial, se amplia e limita as relações de amor, que não podem ser experimentadas em todos os lugares.

Não ter paz, nem liberdade é a manifestação da necrografia espacial que limita, exclui e mata principalmente os corpos "da maioria dos adolescentes que tão entrando nessas coisas do crime", problema que a Criatura da densidade ao colocar em questão o **Mundo-Vida-Sem-Dó**, pois:

> O **Mundo-Vida-Sem-Dó** da Criatura-Vida-Sobreviver é estilo a realidade de hoje em dia, do jeito que o mundo tá, não é como antigamente, tanta guerra que tá tendo, morte. Não tem liberdade, antigamente a pessoa tinha liberdade pra andar onde for e hoje em dia é difícil. Não é liberdade, é paz. (Criatura-Vida-Sobreviver).

Não ter liberdade significa correr risco de morte autorizada. São vidas precárias, que após criminalizadas não são passáveis de justiça ou de luto (Butler, 2018). A criminalização do corpo matável no Brasil é construída desde a colonização, quando indígenas tiveram suas práticas demonizadas e, posteriormente, negros foram escravizados e sequestrados de África como seres inferiores e animalizados.

A partir de então, "ninguém escapa às hierarquias de classe, sexuais, de gêneros espirituais, linguísticas, geográficas e raciais" (Grosfoguel, 2009, p. 45). São as narrativas produzidas através da expansão colonial europeia que hierarquizam e tornam a visão eurocêntrica única e universal. Assim, o branco é melhor que o preto, o homem é melhor que

a mulher, o norte é melhor que o sul, o cristão é melhor que o não-cristão e por aí vai se concretizando a superioridade do colonizador e consequente inferioridade dos "colonizados". (Grosfoguel, 2009)

A colonização é, antes de tudo, a imposição dessa narrativa universal. São "os paradigmas eurocêntricos hegemônicos que ao longo dos últimos quinhentos anos inspiraram a filosofia e as ciências ocidentais do sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno" (Grosfoguel, 2009, p. 45).

> Os efeitos desse processo de séculos são atravessamentos importantes na produção da subjetividade dos jovens participantes desta pesquisa. Nos trechos a seguir, os jovens falam através de suas criaturas que existe um jeito certo de andar e que se andar pelo errado, "os caras não vão deixar passar" (Criatura-Vida-Palhacin).
> O problema do mundo Vida-Sem-Dó é que a pessoa hoje em dia tem que andar pelo certo, porque se não andar pelo certo já sabe como é o mundo de hoje. Pessoa certa é a pessoa que corre pelo certo, fazer o que é certo e não o que é errado (Criatura-Vida-Sobreviver)
>
> Se eu pudesse salvar vida, salvava das pessoas que andam pelo certo, mas quem fosse errado eu não apoiava também não. É, o poder dele é salvar vidas de quem anda pelo certo. Quem anda assim pra ser um cidadão, faz todas as coisas pelo certo, na hora que aquela pessoa faz errado, do jeito que as coisa tão hoje aí, os cara não vão deixar passar esse tipo de coisa. Aí por isso, quem anda pelo certo pode andar sossegado. Mas e quem anda escondido, pelo errado? O que eu penso é isso. (Criatura-Vida-Palhacin)

Nos trechos anteriores os jovens denunciam através de suas criaturas-vida o risco de "não correr pelo certo", isto é, de não haver espaço para o errado, pois existe uns "caras" que "não vão deixar passar esse tipo de coisa". Assim, o **Problema-Negócio-de-Facção** como já destacado, **"**é as mortes. Tá tendo demais a morte das pessoas, a destruição da maioria dos adolescentes que tão entrando nessas coisas do crime" (Criatura-Vida-Palhacin) que tiram a liberdade e a paz dos jovens: 1) através do confronto entre membros dos dois grupos; 2) e por meio das sentenças que julgam os próprios membros dentro de seus grupos.

As Facções Brasileiras são entidades limitadoras das subjetividades juvenis, na medida em que definem o que é "correr pelo certo" e o que deve ser feito com quem não correr pelo certo. Outro limitador importante na produção da subjetividade desses jovens é a

polícia, que atua através das normas e condutas estabelecidas e do medo que impõem através da violência praticada com alguns corpos.

São pelo menos dois limitadores importantes na produção da subjetividade desses jovens. Normas e condutas estabelecidas pelas facções e também pelo Estado.

Pelo exposto, faz-se importante discutir a distinção entre "lugar epistêmico" e "lugar social" promovida por Grosfoguel (2009) quando ele diz que:

> O facto de alguém se situar socialmente no lado oprimido das relações de poder não significa automaticamente que pense epistemicamente a partir de um lugar epistémico subalterno (Grosfoguel, 2009, p. 46).

Levar o sujeito subalterno a pensar a partir do lugar do colonizador, como se o ocupasse é justamente o êxito do sistema/mundo colonial/moderno. Os jovens, que são sujeitos subalternos em seus lugares sociais, acabam por ser colonizados e assumem o lugar epistêmico do colonizador, que se manifesta através do controle de seus corpos, produzido tanto por instituições do Estado como pelas facções, que apesar de nascerem com um propósito outro, hoje disseminam ideologias opressivas e atuam sob a mesma lógica necropolítica, mantendo seguros e atuantes os grandes empresários do ramo e fazendo morrer pequenos varejistas. Sempre preservando a manutenção da ordem e dos mecanismos de controle dos corpos subalternos.

Assim como existe o Código Penal brasileiro, que descreve crimes e penas, existem nas facções, regras e entes encarregados de punir "aqueles que não correm pelo certo". Ou seja, o controle dos corpos por meio do punitivismo também é uma das bases desses grupos.

Mesmo não se declarando como participantes de nenhuma das facções, na fala dos sujeitos desta pesquisa, nota-se o compartilhamento das crenças impostas, além de identificação com um dos lados, como quando a Criatura-Vida-Palhacin fala que "se tudo fosse vermelho era mais tranquilo". Também pode-se inferir que as soluções para o problema de não ter paz e liberdade enxergadas por eles são: 1) a não existência das facções ou 2) que a

cidade seja dominada por um só grupo como reafirma também a Criatura-Vida-Sobreviver quando diz que “se a Parnaíba todinha fosse uma facção só...” e lembra que “quando não tinha facção todo mundo tinha sua liberdade”.

Pela perspectiva dos jovens participantes desta pesquisa, o **“Problema-Guerra-Negócio-de-Facção”** é o principal responsável pela falta de paz e liberdade, no entanto, sabe-se que existe um pano de fundo muito maior e mais complexo que sustenta o fenômeno das facções hoje: a guerra às drogas.

É possível citar inúmeros autores para afirmar que a guerra às drogas é o dispositivo que mais encarcera, exclui e mata a população jovem e negra no Brasil.

Valois (2021, p. 13) diz que

> Os crimes relacionados às drogas tornadas ilícitas são responsáveis por 35,1% da população prisional brasileira, ajudam a superlotar o já precário e abandonado sistema penitenciário, sendo causa de rebeliões, mortes e violência de todas as espécies (p.453).

E Ferrugem (2018, p. 46) afirma que “não há como discutir a guerra às drogas sem considerar esses marcadores sociais que forjam os jovens negros como os inimigos de fato dessa guerra”.

Assim, a incoerência dessa guerra é demonstrada quando se persegue que “antes de ser(sic.) guerra contra as drogas, é guerra contra pessoas [...] drogas não morrem, não levam tiros, e não são encarceradas” (Valois, 2020, p. 20).

> A guerra às drogas está matando os jovens negros e encarcerando as mulheres negras. A guerra impõe muitas barreiras às mulheres negras, mas a perda de seus filhos é sem dúvida a mais cruel, filhos que são atingidos por balas, pelo encarceramento. O cárcere separa, segrega e interrompe o convívio (Ferrugem, 2020, p. 51).

A Guerra às Drogas, na verdade, não é contra nenhuma substância, nem muito menos para resguardar o bem da saúde com garante o Código Penal brasileiro (Brasil, 1940), mas ela é sim, contra os corpos que devem morrer. Ferrugem (2019) debate os pressupostos legais que criminalizam, encarceram e matam a população negra, se utilizando da justificativa de um plano que visa uma sociedade livre das drogas. A autora diz que criminalização da população

negra ganhou mais um aliado com a Lei nº 11.343/06 que “diferencia usuários de traficantes e descriminaliza o uso de drogas” (Ferrugem, 2019), mas que não é transparente quanto aos critérios que definem quem é quem. Dessa forma, o racismo encontra espaço para se manifestar e o preto é sempre traficante, enquanto o branco é usuário.

Apesar de haver no Supremo Tribunal Federal a pauta para a descriminalização do porte de drogas, agora com a definição da quantidade mínima para usuário, “STF remarca para agosto julgamento sobre descriminalização de drogas” (Publicado em 04/07/2023 - 19:45 Por André Richter - Repórter da Agência Brasil - Brasília), deixando ainda à mercê do agente policial a sentença que define quem é usuário e quem é traficante.

“Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”. A música do Rappa liga a memória da escravidão à criminalização da população negra quando, em poucas palavras, mostra **o que** acontece desde a diáspora: o aprisionamento da população preta. Mas **como** isso acontece? O como é uma longa história, que se inicia com a lei da vadiagem, pós o mito da abolição e hoje se segue com a guerra às drogas (Ferrugem, 2019): o maior dispositivo necropolítico do Brasil (Costa, 2021).

Há anos no país se veicula a ideia errônea de que o usuário financia o tráfico, mas quem o financia, na verdade, é o proibicionismo, a guerra às drogas. Com a proibição, uma série de acontecimentos levam à criminalização de inúmeras pessoas, seus hábitos e negócios. “No entanto, o consumo de psicoativos existia antes da proibição e continuou sob ela, só que um mercado inteiro passou à ilegalidade” (Rodrigues, 2009, p. 6).

O proibicionismo surge nos Estados Unidos, e vai se espalhando pelo mundo, a partir de um discurso enganador de acabar com o “mal na terra”: as drogas. Mas o que muitos não conseguem perceber é que ao tornar determinado produto ilegal, se cria a possibilidade de haver um mercado contrabandista por trás e não havendo regulamentação nesse comércio a violência aumenta significativamente.

> Como ideologia dominante, orquestrada pelos Estados Unidos, o proibicionismo não só não foi capaz de reduzir a procura por psicoativos, como também gerou o mercado ilícito. Mercado altamente rentável do ponto de vista financeiro, que alimenta uma rede de criminalidade, corrupção e violências, oferecendo legitimidade à ação armada e repressiva do Estado (Brites, 2017, p. 108).

Não é possível afirmar que toda essa ação antidrogas é em favor do bem-estar da população, pelo menos não de toda ela, já que a comunidade negra é o grande alvo produzido pelo proibicionismo, o que promove o encarceramento em massa destas pessoas, as impedindo de viver. Foi tudo arquitetado para que estes indivíduos em particular fossem trancados e mortos, ação encoberta pela guerra às drogas. "Essa legitimidade da violência de determinados grupos sociais, como pessoas negras e pobres, mostra que o proibicionismo como forma de erradicar com as drogas é apenas uma estratégia para manter o controle" (Amaral, 2022, p.11).

> Desse modo, o proibicionismo torna-se a centralidade do problema, e não propriamente o efeito das substâncias, o que, desloca ou camufla o cerne real da questão: um problema de política pública de saúde, passa a ser tratado como problema de "polícia" (ou de segurança pública) (Quadros, 2022, p. 336).

Com o proibicionismo, as substâncias vendidas ilegalmente passam a ter uma supervalorização monetária, já que não existe regulamentação ou aplicação de impostos e taxas, em cima desse comércio, que é o tráfico de drogas. Assim ele acaba movimentando muito dinheiro, se tornando um mercado lucrativo, com oportunidade de ascensão social, algo interessante aos olhos de quem passou a vida, muitas vezes, com o mínimo. Além de ser um espaço fácil de adentrar (Silva & Costa 2012), como diz o Criatura-Vida-Palhacin para "participar de facção, o negócio do crime de novo, um dia quando eu quiser entrar para esse bagulho aí né, a gente fala que as portas são abertas pra qualquer um, né".

Essa fala expõe a realidade de um mercado que tem as portas sempre abertas para entrar, mas que apresenta riscos como assume o Criatura-Vida-Palhacin em outra fala ao dizer que "graças a Deus, peço muito a Deus, que eu nunca cheguei a me fechar nessas coisas não, mas eu conheço muita pessoa" e quando afirma que "quem entra nessa vida do crime, vai

demorar o tanto que for, mas um dia sabe só da notícia, ou quando um é preso, né ou é morto", como destacado anteriormente.

De acordo com Marcondes Brito (2019), mesmo o Piauí tendo um mercado insuficiente para consumação de drogas, ele possui ótimas rotas para o transporte dessas substâncias.

> O Piauí é um estado que faz divisa com quatro outros estados e pelo menos três deles são produtores de drogas. [...] Você pode passar sem ser encontrado. Se você negociar com a institucionalidade, o Piauí se transformaria, na melhor das hipóteses, em um dos maiores depósitos de drogas do Brasil. Essa possibilidade não é inviável para o crime. O Piauí é um espaço muito atrativo para o crime organizado. Com o histórico de crime vinculado às instituições de organizações criminosas, fica ainda mais fácil você estabelecer se for um criminoso de boas relações (Brito, 2019, n.p).

Tornando-se um lugar procurado para ação das facções, que buscam aumentar seus territórios cada vez mais, de acordo com G1 PI (2021, n.p) existia um movimento chamado "Projeto Piauí", que visava a vinda de chefes do tráfico, a fim de se estabelecerem no Piauí para atuarem no narcotráfico. "Os alvos das buscas são pessoas identificadas como lideranças das facções criminosas, que vieram de outros estados para se estabelecer no litoral do Piauí.". Essa vinda acabou por gerar mais de 40 mortes na região por disputas de territórios, resultando nas "buscas em oito endereços em Parnaíba e Ilha Grande, além de uma busca na Penitenciária de Altos."

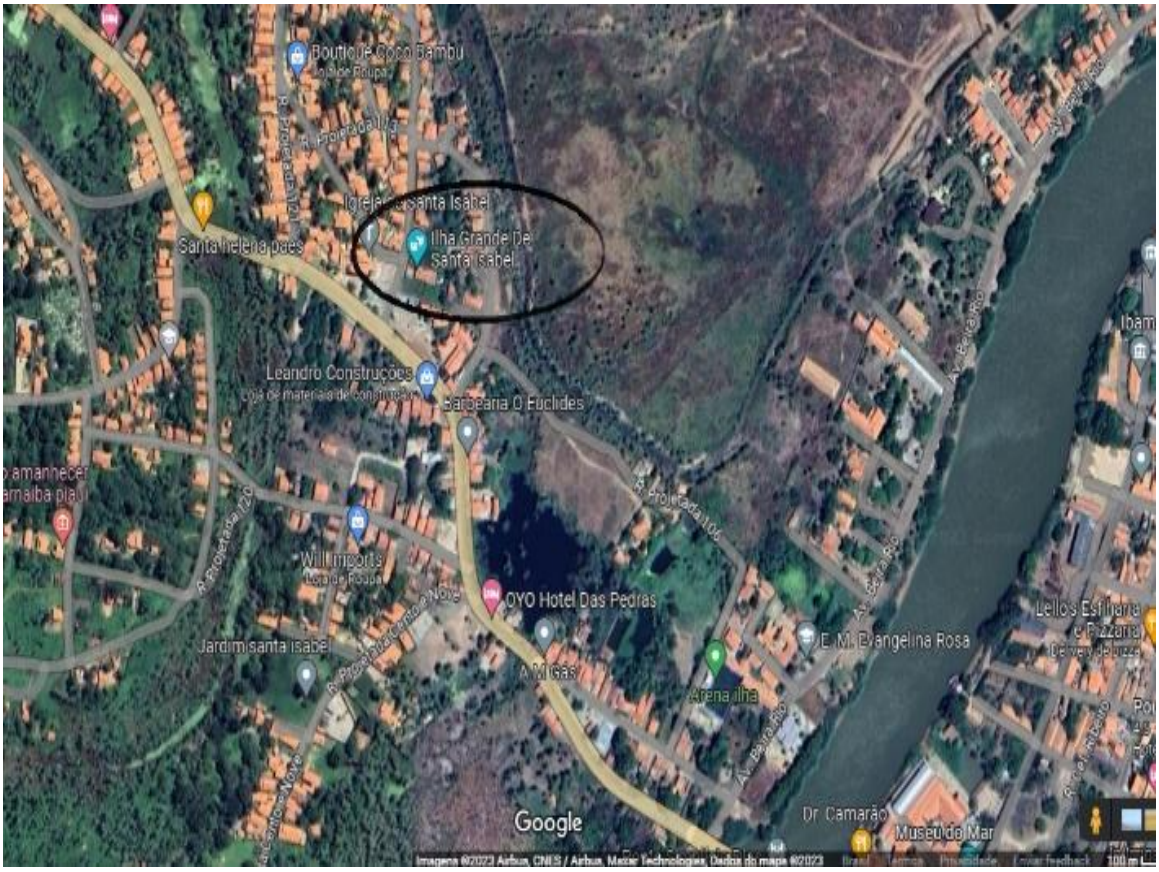


Figura 5. Mapa cidade Ilha Grande de Santa Isabel

Fonte: Google Maps, 2023.

A Ilha é uma cidade vizinha a Parnaíba, separada por uma ponte, sobre o rio Igaraçu, uma cidade de apenas 9 mil habitantes, e de acordo com o Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba (2008, p. 23-24):

> Na questão da paisagem, percebida por quem circula pela cidade e principalmente por quem a observa a partir da Ponte Simplício Dias (que faz a ligação com a Ilha Grande de Santa Isabel) destacam-se os imponentes galpões portuários, o conjunto do Porto das Barcas e as antigas chaminés das indústrias de beneficiamento, hoje desativadas. Também é significativa a presença das matas de carnaúba, que conferem à paisagem um caráter singular. O rio, o principal elemento estruturador do núcleo inicial da cidade, ainda desempenha papel importante na vida urbana.

Figura 6. Ponte que liga Parnaíba a Ilha Grande de Santa Isabel
Fonte: Morais BRITO, 2013.

A disputa entre grupos acontece no cotidiano da cidade e é nomeada pelos jovens desta pesquisa como um **Problema-Negócio-de-Facção**, problema que coexiste com essa rivalidade que não é atual e não está restrita ao contexto da cidade de Parnaíba. Na verdade, este problema existe em contexto nacional, desde 2016. Antes disso, há indícios de que PCC e CV antes desta separação eram aliados.

Para lançar luz ao contexto local, é importante situar sobre o contexto histórico dessa disputa. No Brasil existem dois principais grupos faccionais que tem abrangência sul-americana. O Comando Vermelho (CV), que nasce como Falange Vermelha, no final da década de 70, em Ilha Grande, interior de Angras dos Reis, no Rio de Janeiro, entre presos políticos - inimigos da ditadura militar enquadrados na lei de Segurança Pública - e presos comuns. E o Primeiro Comando da Capital (PCC), que é fundado no começo da década de 90 no presídio de Taubaté em São Paulo, após o massacre do Carandiru.

Ao surgirem dentro dos cárceres, os coletivos prisionais reivindicavam tratamento digno e preservação dos direitos das pessoas encarceradas. O CV inicia, por exemplo, o financiamento das suas ações com assaltos a bancos. No entanto, o comércio de drogas também se apresentou como uma alternativa, sendo considerada menos arriscada e mais lucrativa, se tornando com o passar do tempo a principal fonte de financiamento das facções.

> O que era antes baseado numa necessidade de união dos presidiários pela repressão institucional, de modo a lutar pelos seus direitos, passou a ser uma forma de poder remunerativa, exercida pelos traficantes que bonificavam financeiramente os serviços prestados, apontando que isso serviria para melhorias na infraestrutura carcerária, na promoção de atividades sociais, favores e promessas de ingresso na rede do tráfico, porém sem grandes embates com o poder público (Neves, 2019, p. 45).

Nesse sentido, Silva e Costa (2021) apontam:

> O capitalismo como uma estrutura que tende a homogeneizar o mundo, tudo é mercadoria e tudo está a serviço do capital e dentro das suas contradições encontram-se consequências devastadoras, como o crescimento mundial da pobreza, o desemprego e a infinita e monótona infelicidade existencial desses tempos (p. 51).

Com a falta de oportunidades no mercado formal, o mercado varejista das drogas oferece meios de inserção social e de sustento, o que o transforma em uma alternativa atraente para jovens vítimas das desigualdades. Assim esse comércio - que por ser ilegal, está isento de responsabilidade trabalhista, fiscal e dentre outras - se torna um dos mais lucrativos do mundo (Silva & Costa, 2021).

Enquanto os grandes produtores e atacadistas tem acesso às redes de proteção do Estado e de outras instituições, fazendo o negócio crescer pelo mundo, pequenos varejistas são encarcerados com frequência, gerando alta rotatividade e baixíssimo custo para os grandes empresários do ramo.

No contexto das Facções Brasileiras, as regras são criadas, atualizadas e executadas em complementaridade às regras e leis sociais estabelecidas pelas instituições do Estado, portanto, o jovem que por ventura não tenha espaço dentro da legalidade, certamente o terá fora.

Apesar de atrativo, o tráfico apresenta muitos perigos, que aumentaram desde o rompimento entre PCC e CV, em 2016, quando houve aumento significativo de homicídios no Brasil. (Neves, 2019)

Com o crescimento territorial impulsionado pelas necessidades de inserção de novas rotas do tráfico, os dois grupos começaram a avançar pelo norte e nordeste e depois por todo o país, o que ajudou a ampliar as diferenças entre eles, já que seus planos de expansão eram divergentes e suas formas de atuação também. Enquanto o CV buscava por parcerias estratégicas, o PCC buscava hegemonia no narcocomércio (Neves, 2019).

A primeira facção a ter contato com a Rota Caipira - que é a principal porta de entrada de drogas no Triângulo Mineiro e em São Paulo - foi o Comando Vermelho através de Fernandinho Beira-Mar, um de seus fundadores. Com a sua prisão, o PCC aproveitou e começou a conhecer melhor os processos dentro da rota também e assim os dois comandos passam a ter abrangência sul-americana no mercado. (Neves, 2019)

No entanto, a crescente tensão entre as facções chegou ao ponto de, em 2013, integrantes do CV, no Mato Grosso, começassem a impedir que o PCC batizasse novos membros naquele território, o que inspirou outros Estados e colocou em dúvida a pacificidade entre os comandos. Outras manifestações de poder foram marcantes no processo de rompimento da paz entre eles como a ostensiva de batizados para novos membros no PCC nos presídios, afim de dominá-los a partir de 2014, o que provoca certa resistência nos grupos locais, pois o Primeiro Comando passa a ser questionado e considerado desrespeitoso com os costumes nativos e consequentemente tornou o Comando Vermelho mais requisitado, já que este buscava por parcerias estratégicas, além de não cobrar o dízimo (uma espécie de mensalidade) como o PCC fazia (Neves, 2019)

> Antes do rompimento oficial entre as duas frentes, houveram algumas tentativas de contato diplomático. O grupo paulista enviou uma correspondência ao Rio de Janeiro buscando mediar o conflito, e obter esclarecimentos, porém um dos líderes cariocas, o

> Marcinho VP, justificou que o grupo não possuía gerência interna nos grupos locais, agindo de forma autônoma (Neves, 2019, p. 45).

Diante da resposta indiferente, sob a ótica do PCC, inicia-se a ofensiva contra a facção carioca e em junho de 2016 o comando paulista emite um salve* (comunicado oficial para todos os ativos) anunciando o rompimento entre as duas principais frentes do Brasil (Neves, 2019).

No mês seguinte, Jorge Rafaat foi assassinado. Ele era quem controlava a rota do tráfico entre o Paraguai e Brasil, mas como não aceitava os termos de exportação impostos pelo PCC e pelos bolivianos, ele se tornou um dos obstáculos no negócio lucrativo. Com a morte do "Rei da Fronteira", o Primeiro Comando passa a ter o controle do tráfico naquela região (Neves, 2019).

No ano seguinte, o irmão de Jarvis Pavão também é assassinado, o que levantou suspeitas de retaliação com participação do Comando Vermelho. Pavão havia sido condenado a 13 anos de regime fechado pela morte de Rafaat. Tendo sido consolidada a ruptura entre CV e PCC, os índices de homicídio por atores não-estatais violentos (Neves, 2019) aumentou significativamente e passou a atingir a maior parte do território nacional, chegando a Parnaíba (G1PI, 2021).

Esse contorno nacional, ao chegar em Parnaíba, muda completamente os costumes locais a respeito do tráfico. Assim, mesmo que o comércio de drogas já fosse um marcador importante na produção da subjetividade dos jovens, "quando não tinha facção, todo mundo tinha sua liberdade" como diz a Criatura-Vida-Sobreviver.

O comércio de drogas passa a ser subordinado a organizações de atuação nacional que disseminam regras e disciplinam corpos através da violência. Assim, além dos agentes de repressão do Estado, ainda existe a opressão desencadeada pela atuação das Facções Brasileiras. No entanto, na produção dos dados desta pesquisa o perigo promovido pela

disputa entre as facções se sobressai em relação ao risco das punições por agentes estatais, sendo este pouco ou nada citado pelos jovens na produção de dados desta pesquisa.

Considerando o exposto, é possível inferir que, necropoliticamente falando, as facções são aliadas ao Estado e essa aliança é selada pelo proibicionismo, que ao negar a questão das drogas inviabiliza a construção de políticas públicas que ao invés da morte, promovam a vida dos sujeitos subalternos.

A vitória dessa aliança, se manifesta pelo sucesso da guerra às drogas, que, na verdade é uma estratégia muito bem articulada que serve à manutenção dos privilégios da burguesia e não um plano de combate à venda e uso de entorpecentes.

Os jovens sujeitos desta pesquisa são usuários de drogas, e um deles afirma já ter comercializado. O comércio de drogas faz parte do cotidiano dele. O uso, por exemplo, aparece em momentos de lazer e compartilhamento. Enquanto isso, o combate à venda e ao uso representam risco. Isto é, a guerra às drogas representa mais perigo que o uso de drogas. Como diz Zaccone (2011), a guerra às drogas mata muito mais que o uso de drogas, o que expõe a incoerência desse dispositivo. Nesta pesquisa existiram algumas referências ao uso e comércio de drogas como se pode ver a seguir:

> - Tava mais um dos parceiros meu, Nois tava lá na fumando um, na quebrada lá (Criatura-Vida-Sobreviver).
> - Tudo mudou, ela pediu uma coisa, eu deixei, parei com negócio de ficar em movimento, negócio de droga, parei de cheirar esse bagulho, negócio de pó, fumando só maconha mesmo, e é difícil, se eu fumar é de vez em quando, deixando tudo por causa dela ai, e a pessoa ainda passa de errado (Criatura-Vida-Palhacin).
> - Mudei muito de uns dia pra cá, de um tempo pra cá, porque assim quando eu saí do CEM, eu tava me envolvendo não tem, no crime de novo, só não tava fazendo ar mesma coisa, mas tava, comé, me envolvendo aí com negócio de tráfico de droga, ficar vendendo droga (Criatura-Vida-Palhacin).
> - té doido, eu vivia de boa, vivia na casa do meu primo sossegado, trabalhava com ele, fumava meu chá de boa, não tinha aquela preocupação, como eu tenho hoje. (Criatura-Vida-Palhacin)
> - E eu também, às vezes assim eu penso, vou fumar um chá, relaxo minha mente, aí eu fico, fico pensando aí, pensando na minha família, fico pensando naquelas pessoa que gostam de mim, pessoa amar, só quem ama mermo só Deus mermo. (Criatura-Vida-Palhacin).

As falas dos jovens mostram que existem diferentes relações com variados tipos de drogas. Existem aquelas que relaxam a mente, fazem pensar e dão pra fumar de boa, demonstrando o uso recreativo da *cannabis*, por estes jovens. Além de pontuar que estão "fumando só maconha", explicitando ser uma substância menos ofensiva e acabam revelando um desprezo por drogas mais pesadas, como a cocaína, por exemplo, "cheirar esse bagulho, negócio de pó".

Na frase a seguir se manifesta uma visão negativa sobre "negócio de tráfico de droga, ficar vendendo droga", já que se trata de um crime, além disso, é algo que a família solicita que seja abandonado, dada tamanha violência que vem entrelaçada ao tráfico de drogas. Fato que poderia acontecer de maneira diferente, não fosse o proibicionismo.

Das relações institucionais aos familiares, o proibicionismo orienta pensamentos e ações. Ele criminaliza, exclui e mata as juventudes marginalizadas.

No entanto, apesar das denúncias evidentes nos dados produzidos nesta pesquisa, a juventude produz e amplia a vida através da arte e de suas relações de amor e amizade, como mostramos na seção a seguir.

6.1 Corpos-Vida em meio à guerra: uma biografia menor?

"Até no lixão nasce flor"

Racionais MC's

Os corpos-vida desta Biografia Menor, estão na guerra. São Criaturas-Vida que enfrentam o risco de morte no cotidiano. Estão na guerra lutando compulsoriamente para se salvarem. E em meio a esta vida, existem outras formas de viver, se relacionar, fazer arte e produzir biografias menores resistindo à necrografia.

Para explorar a concepção de Biografia Menor proposta nesse estudo, vamos discutir os dois termos: biografia e menor. Optaremos por iniciar com segundo termo, pois ele pode dar base para refletir sobre o primeiro.

Isso posto, o termo menor – que neste estudo poderia ter efeito pejorativo, já que no Brasil esteve presente nos títulos dos códigos que criminalizam a juventude até ser substituído pelo atual SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducacional), que apesar de preservar as práticas menorista, não leva mais o termo em seu título – tem o sentido de minorias.

> O menor não significa aquele que é inferior, menos importante, insignificante, mas diz respeito à prática realizada por uma minoria que assume sua marginalidade em relação as práticas representativas majoritárias, buscando como estrangeiro dentro de uma língua maior, a atividade de uma língua menor (Silva, 2016, p. 17).

A subversão do termo menor é baseada em Kafka por uma literatura menor, obra em que Deleuze e Guattari apresentam 3 elementos básicos que constituem uma literatura enquanto menor: seu caráter de desterritorialização, sua condição política e seu valor coletivo.

"Franz Kafka produziu uma literatura do avesso contra uma literatura maior, canônica, territorializada" (Silva, 2016, p. 16). Falando uma língua desterritorializada, o alemão do gueto onde vivia, Kafka cria uma literatura menor, contextualizada longe das línguas oficiais, formais, sistematizadas.

Romper com as tradições, com a cultura maior, e estabelecer questões, que mesmo individuais, tenham forte relação com o coletivo, com o político, é uma condição menor, de minoria.

Como na Literatura Menor, aqui propomos e Biografia Menor, que é o contrário da necrografia ou da biografia imposta pelas instituições, que uma história morta, pois fala deles (os jovens) sem eles, que não conta uma história de vida, mas de morte. A Biografia Menor, no entanto, é a história jovens por eles e com eles, nela é possível ler grafias de vida, lugares onde se pode viver.

Aqui como em Kafka, os jovens se transformam em seus devires, **são devires-criaturas-vida**. “O devir não é imitação, nem sonho e nem representação, mas uma realidade.” (Silva, 2016, p. 28) “algo passa entre os corpos, entre as coisas, no meio, esse entre é o devir” (p.30), é movimento, um fluir constante, processo em produção. Isso significa que as subjetividades são um processo sempre inacabado, pois está em constante construção, em eterno vir a ser.

Em Kafka seus personagens se metamorfoseavam. Gregor, por exemplo, um homem desterritorializado que se reterritorializa como inseto (Silva, 2016), nesta Biografia Menor os jovens se transformam em devires-palhaços, que são Criaturas-Vida, são devires, ou seja, momentos em que seus corpos se metamorfoseiam e conseguem mesmo que momentaneamente se desterritorializar dos territórios faccionados e no meio da guerra aproximar-se de lugares-VIDA produzidos pelas suas próprias vivências.

Contar a história, usando a própria voz é romper com a cultura maior do estigma que produz a morte e construir “territórios de acolhida, os nossos aquilombamentos” onde “da porteira para dentro, [...], nos sintamos representados politicamente, nesse processo de desconstrução desse mundo louco, capitalista, racista, homofóbico.” (Miranda, 2021, n.p.).

Assim, a intenção é transmitir a Biografia Menor e contracolonizar os corpos marcados para morrer, ou seja, “contrariar e não sentir a dor que esperam que sinta” como diz Antônio Bispo dos Santos em entrevista para o Jornal Público em 2020 (Henriques, 2020).

Destarte, como se diz na África “cada partido ou nação ‘enxerga o meio-dia da porta de sua casa’ - através do prisma das paixões, da mentalidade particular, dos interesses ou, ainda; da avidez de justificar um ponto de vista” Hampaté bâ (2010, p.168). Isso posto, “a porta” tomada como partida para enxergar a Biografia Menor é a dos jovens sujeitos desta pesquisa, que são Criaturas-Vida têm feições de palhaço, com chapéu de bobo da corte com guizos sinos nas pontas. Sendo que cada Criatura produz VIDA diferente.

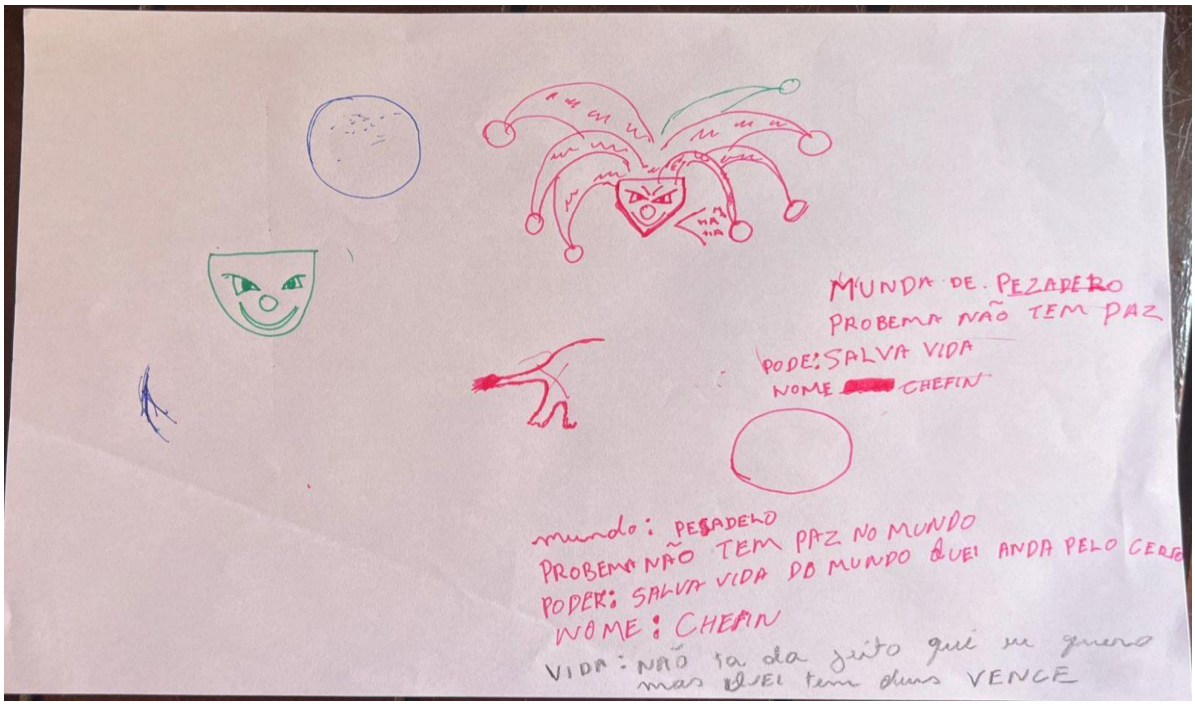


Figura 07. Desenho Criatura-Vida-Palhacin.

Fonte. Adaptado de Linhares et al. (2022)

Figura 08. Desenho Criatura-Vida-Sobreviver

Fonte. Adaptado de Linhares et al. (2022)

Para algumas vidas, como a **Criatura-Vida-Palhacin** as feições de palhaço têm o cenho franzido, sorriso e olhos de *bad boy* com expressões sarcásticas nos olhos e na boca. Esta VIDA precisa separar a cabeça do rabo-chifre e das pernas próprias de um animal para PODER salvar vidas de quem anda pelo certo. Seu mundo de pesadelo não tem paz, não tá do jeito que quer, mas tem Deus e vence.

A **Criatura-Vida-Palhacin**, que é um doido, um palhaço. A cor do cabelo dele é vermelho, a pele é branca. Se veste todo de vermelho. Ele gosta tanto de vermelho porque **é o certo e o justo**, porque ele tá correndo pelo certo. O vermelho é um tipo de identificação.

Outras VIDAS são como a **Criatura-Vida-Sobreviver**: palhaços de corpo inteiro com olhos bem abertos e sorriso brincante e seu chapéu tem as pontas rígidas com os guizos sinos para cima. Nu da cintura para cima, está vestido com uma calça e na cintura um cinto. Tem um colar de argolas no pescoço. Seu mundo é GOOD com diferentes folhas e flor.

A **Criatura-Vida-Sobreviver** é uma criatura que não sabe nem o que lhe falar, *ó*. Ele é mais na dele, porque é tímido, é dele mesmo. O poder da **Criatura-Vida-Sobreviver** é no *estilo* da criatura Vida-Palhacin que é salvar vidas, é ter a paz no mundo, que é o que o mundo tá precisando. Para esta criatura qualquer nome serve, né? **Criatura-Vida-Sobreviver**, sei lá. Qualquer nome serve para a vida? Fiquei a pensar: o que isto diz do sequestro e do apagamento desta identidade? Diante de um mundo sem paz, o que lhe resta é sobreviver?

Os dois tipos de Criaturas-Vida salvam vidas, o que indica que existem vidas que precisam ser salvas, corpos que estão na guerra, mas precisam de paz. Salvar vidas de quem corre pelo certo é não deixar morrer, indo contra a imposição da morte, da necropolítica. O poder das Criatura-Vida, além de ser uma denúncia, é uma linha de fuga, uma forma de resistir.

Percebo que apesar de o mundo-vida-Pesadelo e de o mundo-vida-sem-dó estarem em guerra, algo escapa. Para além de sobreviver, o que se quer é viver! Neste caso, os jovens

falam que existem lugares de paz e tranquilidade onde se pode viver, buscar afeto e fazer arte. As Criaturas-Vida habitam mundos rodeados de natureza, com árvores e lagoas cheias de vida.

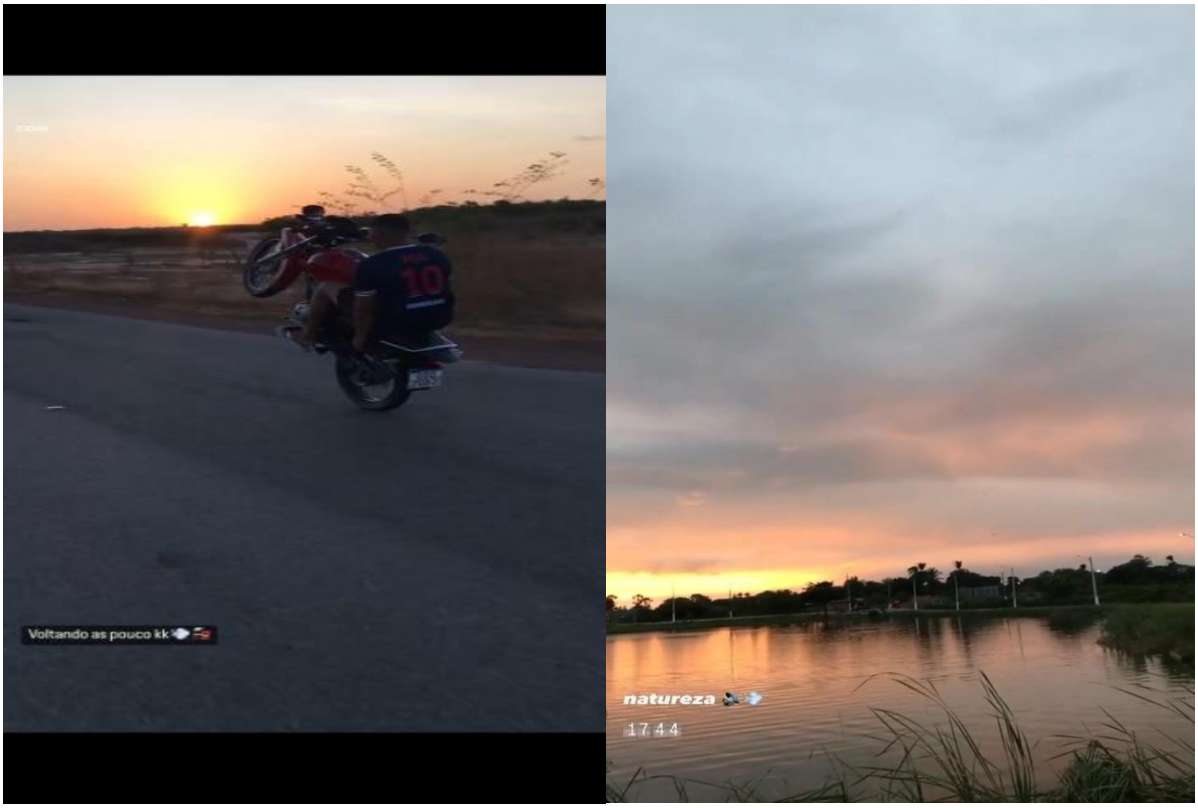


Figura 09. Fotografia Vida/Paz.

Fonte: Adaptado de Linhares et al. (2022)

No mundo-vida-sem-dó a Criatura-Vida-Sobreviver escapa as limitações impostas ao viver e realçam a potência de seu corpo ao fazer arte sobre rodas e sentir a paz tão almejada, distrair a mente e esquecer das coisas. Esquecer mesmo que momentaneamente e de modo móvel, fluido seus problemas e a vida sem paz, que precisa ser salva não é crime, é vida!

> É massa, o cara esquece tudo. Rapaz, massa, uma sensação massa. Tudo se acaba, aí tu chega e distrai a mente, distrai a pessoa, esquece as coisa, a pessoa vai focar só naquilo né, pra não cair, esquece é tudo, é massa. Melhor que outras coisas e tem gente que acha que é como crime, né? É, diz que é crime, mas não é não. **É uma arte, né não?** É, eu acho, tu ficar só na roda duma moto. Numa velocidade… tem gente que tira uma, cruza as pernas, tem gente que bota só dois pés aqui ó, que a negada chama de suicida. É massa. Eu comecei a gostar porque andava com pessoas assim, tá ligado? A galera que falava que, se eu tivesse minha moto eu aprender, eu aprendi.

A Criatura-Vida-Sobreviver mostra em um vídeo sua arte e afirma que se aquele vídeo tivesse um nome, seria paz, ele também fala da sensação massa que experimenta ao pilotar e fazer manobras radicais. É a vida e tem o nome de paz, o desejo por liberdade quando diz que se a vida fosse como no vídeo que se chama paz "seria ótimo, tudo de bom! Bom, tudo de bom. Tem nada de ruim não. Tudo de bom. Seria top, a cidade toda". Pilotar com liberdade para fazer manobras na cidade toda, seria tudo de bom.

As relações inspiradoras e a coletividade para resistir na arte também aparecem na narrativa da criatura, são elementos de uma Biografia Menor que demonstram a vida produzida e ampliada nas relações e na arte.

O motociclismo como linha de fuga anuncia, mas também denuncia. Enquanto para alguns, as manobras radicais no motociclismo são arte/esporte, para outros é criminalizado. Em março de 1990, por exemplo, surgiu no Brasil a maior equipe Brasileira de manobras radicais sobre motos, a Equipe Força & Ação e as pessoas que participam desse grupo tem situação financeira privilegiada e não são criminalizadas.

Nas margens da cidade fazendo arte sobre rodas ou na margem da lagoa fumando um com os parceiros enquanto admira a natureza, que é a própria vida, as criaturas vão habitando seus territórios afetivos.

As criaturas também habitam casas, um dentro, no sossego de sua rede que balança e embala seus castelos de pensamentos. O outro em cima da casa, no telhado, de onde dá para avistar árvores cheias de vida.

Figura 10. Fotografia Nárnia

Fonte: Adaptado de Linhares et al. (2022)

Figura 11. Fotografia Tranquilidade

Fonte: Adaptado de Linhares et al. (2022)

Até tirar foto a Criatura-Vida-Palhacin diz que não tira porque:

> Eu só fica mais é dentro de casa. Só uma dentro da rede. Ó só normal mermo, que a pessoa fica sei lá pensando em forma de sair e nunca dá, os cara não deixa o cara, quer é isolar o cara dentro de casa. Quer isolar o cara dentro de casa, isso daí vai botar ela na linha. A linha é pra não ter aquela desconfiança. É porque é melhor do que tá na rua adoidado."

No **Mundo-Vida-Pesadelo**, dentro da rede, dentro de casa é uma norma imposta pelos caras que o isola, o coloca para ficar dentro de casa, na linha para não ser suspeito, não haver desconfiança. Mesmo que fique-se pensando numa forma de sair, não dá. Assim dentro de casa, isolado, na linha são lastros de uma disciplina que marca o corpo neste mundo que é um pesadelo. Por isso, se manter neste lastro disciplinar é melhor do que está na rua adoidado.

Manter-se disciplinado, não sair à rua, adoidado, são parâmetros da norma que realçam a impossibilidade de ser quem se é e de ter sobre si qualquer visibilidade, manter-se anônimo longe de qualquer suspeita, pois:

> tem mais é olho grande, pois quando vê a pessoa crescendo assim, diz: "rapaz, aquele menino ali tá vendendo é coisa", diz não sei o que. Falando altas coisas, criticando a pessoa aí o pessoal pega e avisa pra ficar alerta para esse tipo de pessoa, a **pessoa-olho-grande**. A criatura tem muitos informantes neste mundo, que informa quando a pessoa tá falando dela, quando fica criticando, quando tem olho grande. (Criatura-Vida-Palhacin)

Então, mesmo não tendo liberdade para ouvir com os próprios ouvidos, existem informantes que avisam sobre o risco **pessoa-olho-grande**. "Dizer que aquele menino ali tá é vendendo coisa", é arriscado especialmente quando a criatura-vida em cumprimento de MSE estiver "vendendo coisa". Se o jovem estiver com mais de 18 anos, esta prática pode afetar tanto o cumprimento da medida, quanto levá-lo ao cárcere.

Entre o fora e o dentro do **Mundo-Vida-Pesadelo**, os jovens "quando ele tá lá na rede, tá relaxando a mente um pouco. Ele acha que a vida seria boa, que ele tava pensando era só coisa boa, sem ter essas coisa" e ao mesmo tempo está em alerta, para criar confiança e não ser alvo da pessoa-olho-grande.

Enquanto a Criatura-Vida-Palhacin não tira foto porque só vive dentro de casa, a Criatura-Vida-Sobreviver apresenta para além de sobreviver, fotografias que expressam um olhar sensível, que vê beleza no mundo, enxerga lugares-vida, lugares-natureza, onde é possível contemplar ou mesmo no telhado fumando um, estados tranquilos do viver, ao mesmo tempo, traz os lugares em que pode praticar a arte sobre as rodas, o motociclismo, em excesso, se expondo, ganhando visibilidade em aventuras com amigos. Esquecer é ter paz!

Há também de se expor que a Criatura-Vida-Palhacin está em casa, pois seu amor assim solicita. Existe o medo de que a criatura seja pega, então sua companheira e sua sogra, por preocupação, preferem assim, como demonstra a criatura ao dizer que "elas ficaram tipo preocupada, né, pensaram que era outras pessoas aí, negócio de facção que tinha me pegado ou então a polícia, ficaram chorando lá".

O amor é importante para a criatura. Na fala anterior, ele conta como duas pessoas importantes ficaram quando perceberam que ele estava fora de casa sem ter avisado. Na fala seguinte, é possível notar como a falta de amor aparece em sua narrativa.

> Aí quando eu cheguei lá a mãe dela lá começou a falar um bocado de coisa lá, e aquelas coisa que a mãe dela vai falando, coisando mais o cara, né, cara já não tem um amor, um amor assim pro cara… Amor assim, né, porque como se fala assim, um amor, é porque, depois quando aconteceu esse bagulho todo aí, desse crime aí, que eu fiz aí, do **finado?** As coisa não ficou como era antes não, ficou tudo diferente, tudo mundo mudou pra mim, as pessoas ficaram diferente, minha família ficou tudo diferente comigo, não é aquele mermo amor que eu sentia, que minha mãe sente, que sentiu por mim ela não sente hoje, tá muito diferente, até falar comigo tá difícil, aí a única pessoa que tava vendo, que tava, é a mãe dessa menina aí que eu tava aí, depois de onte do que a mãe dela falou comigo, esse tipo de constrangido.

Além do constrangimento, a mágoa e as ameaças de abandono, como mostra a fala a seguir.

> Essas confusão tudo aí, com a mãe dela aí, sempre quando acontece alguma coisa, fala que é pra fia dela terminar comigo, me deixar. Se eu falar outra besteira, que ela falou que ia pra mandar a fia dela não sei pra onde, que eu só queria iludir a fia dela, falou altas coisa comigo, tipo aquelas coisas que a gente fala, machuca, né, a pessoa.

Em momento anterior, a Criatura-Vida-Palhacin diz que:

> Só vai poder se aquietar quando ele arrumar uma pessoa certa, pra botar ele no lugar dele. E não é relacionamento amoroso, isso aí ele já tem. Ele tá precisando é de outra coisa pra se aquietar. Um filho pra ele se aquietar, só isso que vai poder aquietar ele. Enquanto isso, ele vai continuar do mesmo jeito.

Bell Hooks (2010) diz que "O amor cura: Nossa recuperação está no ato e na arte de amar" e certamente a Criatura-Vida-Palhacin está em busca da cura através do amor. Seja se exilando em casa, dentro da rede para manter tranquilas suas relações de amor, seja no desejo de um filho, ou até nos momentos de raiva, quando há a vontade de ser percebido, mesmo que pela falta, como é possível notar na próxima fala.

> Eu fico pensando como eu era de primeira. Que acontece alguma coisa eu quero voltar pra aquela vida. Só que, não é tipo como se fosse eu, porque eu mermo, eu mermo não quero voltar pra essa vida não, como se eu fosse outra pessoa, quando fico com raiva fico falando besteira, fico falando muito daquele, não tem, fico falando que quero ser preso, que quero não sei o quê, fica falando só besteira quando a pessoa tá com raiva, que as pessoas só vão dar valor pra mim quando eu tiver preso ou tiver outro lugar, e as pessoa vão começar a me dar valor, depois quando perde a pessoa.

A Criatura-Vida-Palhacin resiste à necrografia através de suas relações de amor. Na sua Biografia Menor, os vínculos são importantes e conduzem suas escolhas. Nas narrativas a criatura assume que as conexões, com a família, com o bairro e até comigo, lhes são caras.

Quando eu falo da conexão comigo, quero trazer à luz que a nossa relação, que já existia antes da pesquisa, foi um facilitador para o processo de produção de dados.

Ainda quando eu era técnica de referência das MSE, puder conhecer a Criatura-Vida-Palhacin e partilhar de momentos em grupo, bem como de encontros individuais e familiares. Na oportunidade, foi possível estabelecer um vínculo de confiança. À época sua infração era análoga ao crime de roubo, durante a pesquisa era análoga ao crime de homicídio.

Na próxima fala a criatura assume se sentir aliviado por achar em mim uma pessoa de confiança para partilhar as negativas e encontrar um apoio.

> Tô sentindo mais aliviado, porque eu tô … achei uma pessoa tipo que eu tô confiando em contar minhas coisa, nem pra minha mãe, [...]e pra minha namorada também, nem para ninguém da minha família porque eu sei que eles não vão poder me ajudar em nada. Sei lá, tipo um apoio, pra partilhar aquela negativa que eu tenho em mim.

A relação de confiança estabelecida entre mim e a Criatura-Vida-Palhacin foi um facilitador na produção de dados das duas criaturas, já que na primeira oficina de produção de dados, a Criatura-Vida-Sobreviver iniciou seu desenho, que é semelhante ao da outra criatura, após ver o desenho da Criatura-Vida-Palhacin e diz em sua narrativa que o poder dele "é estilo do da Criatura-Vida-Palhacin, o que permite inferir que a Criatura-Vida-Sobreviver pode ter se inspirado na Criatura-Vida-Palhacin.

Outro ponto que é interessante notar é como os atos infracionais estão sinalizados nos dados produzidos, a Criatura-Vida-Sobreviver, por exemplo, foi parado em uma blitz policial sem habilitação e de posse de papel seda, isqueiro e uma cartela de comprimidos que não foi identificada pela perícia. Ele foi então autuado pela de uso de drogas e por pilotar sem habilitação.

Já a Criatura-Vida-Palhacin indica que cometeu a infração por aprovação. Segundo ele, perguntaram-lhe se ele "teria coragem de subir um cara" e ele responde dizendo que disse ter coragem de tudo.

O que ele não imaginava era que a aprovação de sua coragem não lhe geraria o prestígio que ela desejava, ao contrário. Segundo ele "as coisa não ficou como era antes não, ficou tudo diferente, tudo mundo mudou pra mim, as pessoas ficaram diferente, minha família ficou tudo diferente comigo"

Eu escolhi deixar para o final as informações sobre as infrações dos jovens com a intenção de não embotar suas biografias com pré-conceitos estabelecidos a partir dos atos infracionais. Escolhi deixar o leitor descobrir, antes de tudo, os devires-criaturas-vida. Que são criaturas-vida que se assemelham, mas que também habitam seus mundos de forma singular.

7 Confissões finais

Neste capítulo eu gostaria de fazer algumas confissões. Não no sentido sacro, onde exponho meus pecados em busca de perdão, mas na intenção de me desnudar, mostrando os contornos que deram limites como pele a esta pesquisa, assim como também pretendo apresentar a ampliação do meu campo de sentidos e saberes.

Dessa forma, assumo a visceralidade deste estudo, que é a Biografia Menor de dois jovens, mas que também conta minha história como pesquisadora, já que percurso desta pesquisa me fez analisar criticamente minha própria prática profissional, pois desde o começo, o que me instigava era exatamente o meu próprio fazer, que me sinalizava a necessidade de estudo na área.

Com o caminhar, o aprofundamento teórico e as trocas, fui percebendo o quão fácil é reproduzir uma prática psicologizante e colonizadora. Notar meu lugar de algoz, de capitã do mato, oprimindo os meus através de deliberações neoliberais. Foi desterritorializante, mas também reterritorializante. Eu pude entender que os meus privilégios podem ampliar espaços e sentidos.

Isso acontece na pesquisa, quando me assumo usuária de maconha, algo que é difícil também de escrever aqui, mas que facilitou o vínculo entre mim e os jovens. Sair do lugar de autoridade profissional e me aproximar dos jovens em igualdade, como usuária de drogas é contracolonial e desafiador. Desafia-dor, já que, como é possível notar aqui mesmo nestes escritos, a exposição é uma dor importante na minha história. Falar sobre mim, sobre minhas confluências, sempre foi assustador. Os julgamentos, as expectativas dos outros sempre me fizeram duvidar de mim e me enxergar desimportante. O próprio processo de seleção para o mestrado, quando eu precisei concorrer por três vezes até ser finalmente aceita por que alguém desistiu.

Apesar disso, eu não desistiria, pois mesmo, a exposição sendo uma questão, era maior a certeza de que eu desejo conhecer os caminhos para uma prática profissional ética, política e o mestrado era considerado uma entrada para isso.

Tomar partido, posicionar-me e habitar a pesquisa foi um grande desafio e confesso não ter feito como gostaria, não por falta de implicação, mas por medo da exposição. Isso sinaliza minha falta de experiência com a pesquisa encarnada e demonstra a rigidez do meu corpo que ainda serve a uma academia engessada.

Perceber meus limites foi importante para ampliá-los, pois apesar deles, nesse processo muitas foram as descobertas e dentre elas entendi que me assumir como usuária de drogas - que poderia ser considerado apologia por conservadores - é, na verdade, um ato político, pois obriga a repensar o "estereótipo do usuário de drogas" e o estigma que mata jovens homens negros através da "Guerra às drogas".

Como pessoa usuária de drogas e trabalhadora do SUAS com jovens em MSE que também podem ser usuários de drogas, a Redução de Danos foi o meu recurso inicial de trabalho e também desta pesquisa.

Com as processualidades do estudo, objetivo desta pesquisa se tornou investigar a produção e ampliação de vida dos jovens em cumprimento de MSE. E como isso foi desafiador, já que mesmo antes de começar a produção dos dados, na pesquisa bibliográfica, percebemos que já acontecia um tratamento diferenciado com estes jovens, variando de acordo com sua cor de pele e classe social.

A preocupação com a equidade nas políticas públicas voltadas às juventudes ocorreu de forma tardia e a história de implementação de políticas para esse público começa com instrumentos estigmatizantes como foi o Código de Menores, que foi substituído por outros códigos no decorrer dos anos, até chegar no atual SINASE. Este que é o código vigente, ainda carrega em si doutrinas menoristas, já que se ampara no código penal, e este é reconhecidamente

racista e serve à manutenção dos privilégios da burguesia, além de partir de determinações elaboradas para indivíduos de até 18 anos, por adultos que possuem como critérios, ideais também racistas e classistas, que vão contra o bem-estar dos jovens.

Foi possível também entender que, a percepção da faixa etária parte de noções tendenciosas, como o exemplo dado da necessidade de sucesso durante a Guerra Fria, em que países visaram utilizar indivíduos muito novos para discernir o que era certo ou errado, para assim realizar uma alienação nestes menores, em prol da tão almejada prosperidade estatal, condição que se faz presente no cenário atual. Jovens são obrigados a se comportarem da forma que a sociedade e o Estado querem e essa sujeição é o que irá definir se ele conseguirá usufruir de seus direitos ou não, o que vai de forte encontro com a pluralidade presente na juventude.

Estes jovens pobres, negros e marginalizados não podem contar com a preocupação de quem deveria os proteger, já que estes demonstram se importar muito mais com a punição do que com a garantia de seus direitos. Fato demonstrado a partir de uma separação entre corpos que serão culpabilizados e os que serão protegidos, colocando estes menores dentro de um sistema penal, que vem servindo como mantenedor das desigualdades sociais, fazendo com que estas se perpetuem.

Ao retomar todo histórico da população negra, é possível analisar que desde o fim da escravidão, período de doutrinação, invisibilidade, tortura e morte do corpo negro, de forma legal, existem razões eurocêntricas e racistas que perpetuam até hoje, com o objetivo de silenciar estes indivíduos, o que resultou na marginalização destes por parte do Estado e da sociedade, que transformaram a pele negra na “cor do crime”.

Através das queixas realizadas pelos participantes, elaboradas a partir de uma escrita da morte, uma necrografia, demonstrada no território do Mundo-Pesadelo-Vida e do Mundo-Vida-Sem-Dó conseguimos visualizar esses indivíduos que perdem seus locais e liberdades, ao se encontrarem sinalados tanto pela polícia como pelas facções.

A partir do local que habita, um corpo pode ser perseguido ou não, sendo assim traçado um perfil de corpos que ocupam verdadeiros campos de morte, resultando na atual expressão da Necropolítica, ou seja, a morte matada de jovens negros ou não brancos e periféricos. O fato de morar em determinado bairro, pode criar um estereótipo de criminoso no morador, o que irá variar de acordo com a periculosidade do local, o que ocorre é que em muitas vezes este indivíduo pode não ter relação alguma com o mundo do crime, como o que foi aqui demonstrado.

Para além disso, foi relatado que estes não podem ocupar toda a cidade em que moram, em razão da forte disputa territorial existente, impedindo que os mesmos possam, inclusive, terem momentos de lazer com suas namoradas, em bairros diferentes dos seus, visto que existem locais considerados proibidos de estarem.

Dar passagem à Biografia Menor produzida pelos dois jovens sujeitos desta pesquisa foi um exercício de garimpagem: como procurar ouro. Encontrei preciosidades, mas foi diante de grande esforço, haja vista a proporção tomada pelo Problema-Guerra-Negócio-de-Facção na produção dos dados, o que, na verdade, apenas transmite a realidade cotidiana deles.

As criaturas vida foram inventadas na primeira etapa de produção de dados e durante a exploração dos problemas dos mundos em que as criaturas viviam, identificou-se o confeto Problema-Guerra-Negócio-de-Facção, que denuncia a guerra presente no cotidiano dos jovens.

Apesar da elaboração de uma técnica que facilitasse devires-criatura-vida, os jovens se manifestaram através de criaturas que sobrevivem em um mundo-vida-sem-dó ou que vivem em um mundo-vida-pesadelo e é um palhacin, figura com representação simbólica de violência contra policiais.

Assim, um dado importante desta pesquisa é a própria dificuldade de encontrar elementos que mostrem produção e ampliação de vida, um dos objetivos da pesquisa. Além disso, a própria participação dos jovens nas oficinas de produção de dados era incerta, o que foi

importante para elaborarmos uma experimentação que complementasse as informações da oficina de produção das cartas das criaturas-vida.

Entendemos que precisávamos aproveitar qualquer contato. Assim, com a insegurança de que apenas em um encontro seria possível produzir dados que respondessem aos objetivos, levei a proposta das fotos, experiência em que eles me passaram seus contatos de WhatsApp e eu os lembraria de me mandar fotos de lugares-vida.

Além de receber as fotos foi possível provocar mais um encontro, onde os sentido delas foi explorado sendo possível encontrar a produção e ampliação da vida através da arte e das relações de amor.

Confesso que a análise dos dados não foi completamente esgotada, imagino que sob um novo olhar esses dados ganhariam outros contornos, mas a forma como esta pesquisa me afetou contribuiu para que eu me localizasse ainda mais no mundo.

Confesso também que não imaginava que as questões sinalizadas durante minha prática profissional com jovens em cumprimento de MSE me levariam tão longe. O ponto de partida foi como fazer Redução de Danos com adolescentes, já que até para adultos a RD é um desafio. Esta pesquisa, entretanto, é apenas um dos pontos de chegada, já que os caminhos abertos pelo estudo da Redução de Danos são incontáveis.

A Redução de Danos e a Sóciopoética são as principais bases epistemológicas que orientaram este estudo. São valorizadas como *ethos* e me acompanharam por todo o processo de produção desta dissertação, desde a ampliação dos meus conhecimentos teóricos em busca de referências bibliográficas que desse consistência à pesquisa, até a análise dos dados produzidos.

Como alternativa ao proibicionismo, a Redução de Danos pode ser considerada o início, o meio e a conclusão deste trabalho, já que foi o que inspirou a pergunta inicial, encaminhou o percurso teórico e prático, assim como é o que aparece como possibilidade de enfrentamento

ao proibicionismo, além de ser um campo de produção e ampliação da vida das pessoas que usam drogas, como é o caso dos jovens deste estudo.

Aliado ao olhar da Sociopoética, a RD é potencializada. Pesquisar com o corpo todo, valorizar as culturas das minorias, transforma os participantes e copesquisadores, produzir dados através da arte e buscar o sentido espiritual na construção dos saberes é colocar os sujeitos no centro e ampliar a perspectiva de existência para além das drogas.

Dar passagem às vozes dos jovens criminalizados é enxerga-los não somente pelos seus atos infracionais ou por suas Medidas Socioeducativas, mas em sua totalidade. Assim, apesar do dualismo sinalizado desde o título, quando a Biografia Menor é considerada versus os corpos na guerra, nos levando a supor essas dimensões como separadas, desconectadas e antagônicas, existe aí também a indicação da complexidade dessa relação, que pode aparecer em polaridades, mas que, no entanto, se integram, já que a Biografia Menor aqui produzida foi por corpos que estão na guerra.

Deste modo, confesso que perceber o binarismo e notar que ele não dá conta da complexidade dos dados produzidos neste estudo deixou algumas questões sem respostas à princípio. Então, como perceber implicações sutis entre essas dimensões? Como problematiza-las em meio aos processos de vida e morte?

Fora dos vieses estigmatizantes foi possível enxergar como os jovens habitam seus territórios e são afetados por eles. O Problema-Guerra-Negócio-de-Facção é uma importante denúncia sobre a realidade desses territórios, que os obriga a serem cautelosos, retira sua paz e sua liberdade.

Apesar disso, os jovens se desterritorializam e se reterritorializam através de suas Criaturas-Vida. Isto é, no meio da guerra se aproximam de lugares-vida produzidos por suas próprias experiências.

Romper com a história única que lhes foi imposta é produzir a ampliar a vida. É contracolonizar o pensamento e construir outros possíveis para aquém e para além dos estigmas.

Por fim, concluo confessando que este trabalho tem um imenso potencial contributivo para a academia, para a sociedade e para todos os que se interessem pelos temas aqui explanados. Porém, a transformação que esta pesquisa operou na minha vida, é o que eu sinto mais de perto.

Tornar-me pesquisadora, encontrar a Sociopoética, me aprofundar na redução de danos e, principalmente, ser canal da Biografia Menor de Jovens em cumprimento de Medida Socioeducativa foram presentes deste estudo que ampliaram não somente meu olhar, mas meus sentidos.

Referências

Abramo, H. W. (1997). *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil.* São Paulo: Revista Brasileira de Educação.

Adad, S. J. H. C., Petit, S. H., Santos, I. D., & Gauthier, J. (2014). *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética.* Fortaleza: EdUECE.

Adad, S. J. H. C. (2016) *A relação entre os medos e o corpo para jovens da escola pública:* uma pesquisa sociopoética. São Paulo: Pontes Editores.

Adichie, C. (2009). *O perigo de uma única história*. Tradução de Eri a Barbosa. Original disponível em: http://www. ted. com/tal s/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story. html. s/d. Tradução disponível em: http://www. google. pt/url.

Agamben, G. (2004). *Estado de exceção*: homo sacer II, I (2a ed.). Tradução: Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo.

Araújo, B. S. S. D. (2017). *Criminologia, feminismo e raça: guerra às drogas e o superencarceramento de mulheres latino-americanas*. Paraíba: UFPB.

Barros, N. V., Moreira, C. A., & Duarte, K. M. (2008). *Juventude e criminalização da pobreza*. Paraná: Educere et Educare.

Butler, Judith. (2018). *Vida Precária: os poderes do luto e da violência.* São Paulo, SP: Grupo Autêntica.

Brasil. (1934). Lei de execução Penal, lei nº 7.210 de 11 de julho de 1934. BRASIL. Revista de Informação Legislativa.

Brasil, DF (2010). Emenda constitucional n. 45, de 13 de julho de 2010. *Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227.* Recuperado em 26 de novembro de 2022, em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc65.htm.

Brasil, DF (2013). *Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013*. SINAJUVE. Recuperado em 26 de novembro de 2022, em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm.

Brasil, DF (1940) Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez.

Castro, E. G. D., & Macedo, S. C. (2019). *Estatuto da Criança e Adolescente e Estatuto da Juventude: interfaces, complementaridade, desafios e diferenças.* Rio de Janeiro: Revista Direito e Práxis.

Cerqueira, D. R. D. C., Bueno, S., Lima, R. S. D., Neme, C., Ferreira, H. R. S. A., Alves, P. P., ... & Armstrong, K. C. (2019). *Atlas da violência 2019*. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Recuperado em 26 de novembro de 2022, em https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/19060atlas_da_violencia_2019.pdf.

Chaves, M. L. B. (2008). *O negro na mídia brasileira* (Trabalho de Conclusão de Curso). Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília, DF: PUB – Graduação.

Coimbra, C. M., & Nascimento, M. D. (2005). Ser jovem, ser pobre é ser perigoso. Jovenes. Coimbra: Revista de Estudios sobre juventud.

Costa, Ana Paula Motta. *Juvenicídio*: a expressão da Necropolítica na morte de jovens no Brasil. Rio de Janeiro: Revista Direito e Práxis.

Equipe Força e Ação. (2023). Recuperado em https://forcaeacao.com.br/.

Ferrugem, D. (2020) *Guerra às drogas?* Revista em Pauta, v.18. p.11.

Figueiredo, Barbara. (2019) Todo camburão tem um pouco de navio negreiro: a superpopulação negra nos presídios brasileiros. *Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais*. Brasília (DF).

Flor, Eduarda. (2020) *ECA, Sinase e o atendimento socioeducativo no Brasil*. Florianópolis, SC: Revista Pindorama.

Foucault, Michel. (1926-1984) *História da Sexualidade I*: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca de Filosofia.

Foucault, M. (2014). *Vigiar e Punir*: Nascimento da prisão (42a ed.). Rio de Janeiro:Editora Vozes.

França, Leandro Ayres. (2013). *A genealogia da tanatopolítica, suas maquetes contemporâneas e os reflexos jurídicos no horizonte biopolítico desenvolvido pela medicina moderna*. Rio Grande do Sul: Editora Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Frei, A. E. (2019). *Reinserções, inserções e deserções*: cartografia do dispositivo "reinserção social" para adolescentes com histórico do uso abusivo de álcool e outras drogas

(Tese de Doutorado). Faculdade de Saúde Pública. São Paulo: Cadernos Brasileiros de Saúde Mental.

Gauthier, J. Z. (1999*). Sociopoética*: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação. Rio de Janeiro: Ed. Escola Anna Nery/UFRJ.

Gauthier Jacques. (2004). *A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética*. Lycée de Muret, Académie de Toulouse. França: Revista Brasileira de Educação.

Gauthier, J. Z. (2012). *O oco do vento*: metodologia de pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: CRV.

Gauthier, J., & Adad, S. J. C. (2020). A sociopoética como abordagem de pesquisa e ensino decolonial, contracolonial e libertadora. Educazion e Aperta: Rivista di Pedagogia Critica.

Gomes, D. D. O. (2015). *Medida Socioeducativa* em Meio Fechado: Obstáculos Entre Direitos Sociais Conquistados e Objetivos do Estado Neoliberal. Jornada Nacional de Políticas Pùblicas. São Luis: Anais da VII. Recuperado em 26 de novembro de 2022, em http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo3/medida-socioeducativa- em-meio-fechado-obstaculos-entre-direitos-sociais-conquistados-e-objetivos-do- estado-neoliberal.pdf.

Hampaté bá, A. (2010). A tradição viva. UNESCO. História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África. (Chap. 8, pp. 167-212). Brasília: J. Ki-Zerbo.

Henriques, Joana Gorjão. *Antônio Bispo dos Santos*: Contra-colonizar é contrariar e não sentir a dor que esperam que sinta. Brasil: Ípsilon. Recuperado em https://www.publico.pt/2020/10/28/culturaipsilon/noticia/antonio-bispo-santos-contracolonizar-contrariar-nao-sentir-dor-esperam-sinta-1936929.

Hooks, Bell. (2010). *Vivendo de amor.* Brasil: Portal Geledés. Recuperado em https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/.

Maraschin, C., & Raniere, É. (2011). *Socioeducação e identidade*: onde se utiliza Foucault e Varela para pensar o Sinase. Rio Grande do Sul: Revista Katálysi.

Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. Rio de Janeiro: n-1 Edições.

Minayo, M. & Guerriero, Iara. (2014). Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. *Ciência & Saúde Coletiva.* doi: 10.1590/1413-81232014194.18912013.

Morin, E. (2000). *A inteligência da complexidade*. Rio de Janeiro: Fundação Peirópolis.

Oliveira, D. H. D., Félix-Silva, A. V., & Nascimento, M. V. N. (2014). *Produção de sentidos nas práticas discursivas de adolescentes privados de liberdade*. João Pessoa: Estudos e Pesquisa em Psicologia.

Paiva, C. Souza, & D. B. Rodrigues. *Justiça Juvenil*: Teoria e prática no sistema socioeducativo (pp. 221-246). Natal: Edufrn.

Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. D. (2009). *Pistas do Método da Cartografia*: Pesquisa- Intervenção e Produção de Subjetividade. Rio de Janeiro: Sulina.

Petit, S. H. (2014). *Sociopoética*: *Potencializando a Dimensão Poiética da Pesquisa*. In S. Fortaleza: EdUECE.

J. H. C; Adad, S. H; Petit, I. D. Santos & J. Gauthier (Orgs.) (2014). *Tudo que não inventamos é falso:* dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética (p. 19-40). Fortaleza: EdUECE.

Piauí. (2010). *Lei complementar n. 157, de 12 de dezembro de 1979*. Altera a Lei nº 3.716 determina a organização do judiciário. Recuperado em 26 de novembro de 2022, em http://legislacao.pi.gov.br/legislacao/default/ato/14814.

Prado, G. A. S. Lima, C. F. & Xavier, M. P. (2019). *A Clínica Política*: Experimentação e Produção de vida. Parnaíba: Mnemosine.

Quevedo, Jéssica Veleda; ABREU, Carlos A F de (orgs.). Dicionário Criminológico. Porto Alegre: Editora Canal de Ciências Criminais, 2020. Recuperado em https://www.crimlab.com/dicionario-criminologico/tanatopolitica/59. ISBN 978- 85-92712-50-1.

Richter, André. (2023) *STF remarca para agosto julgamento sobre descriminalização de drogas.* Brasília: Agência Brasil. Recuperado em https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2023-07/stf-remarca-para-agosto-julgamento-sobre-descriminalizacao-de-drogas.

Rodrigues, Thiago. (2009). Tráfico, guerras e despenalização. *Le Monde Diplomatique Brasil*: França. Recuperado em https://diplomatique.org.br/trafico-guerras-e-despenalizacao/.

Rodrigues, C., & de Moraes Monteiro, J. (2020). *Lélia Gonzalez, uma filósofa amefricana.* Rio de Janeiro: Revista Ideação.

Salomão, C. M., Bellotti, F. D. O., & da Costa, F. M. F. (2019). *A Teoria de Cesare Lombroso e sua influência na sociedade brasileira atual*. Juiz de Fora: Jornal Eletrônico Faculdade Vianna Júnior.

Santos, V. B., & Miranda, M. (2016). *Projetos/Programas de redução de danos no Brasil*: uma revisão de literatura. Bahia: Revista Psicologia, Diversidade e Saúde.

Schmitt, A. A., Nascimento, D. M. do, & Schweitzer, L. (2016). *Grupo com adolescentes em cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida*: relato da experiência em um Centro de Referência Especializado em Assistência Social. São João del Rei, MG: Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais.

Scisleski, A. C. C., Bruno, B. S., Galeano, G. B., Santos, S. N., & Silva, J. L. C. (2015). *Medida Socioeducativa de Internação*: Estratégia de Punição ou Protetiva. Campo Grande, MS: Psicologia e Sociedade.

Silva, J. O. & Chaves, A. M. (2014). *Entre Roubar e Traficar*: os sentidos construídos por um adolescente em conflito com a lei. In L. A. Tavares & J. C. Montes. A Adolescência e o Consumo de Drogas: uma rede informal de saberes e práticas (pp. 53-72) Salvador - BA: Associação Brasileira de Editoras Universitárias.

Silva, Marcos Vieira. *Kafka, deleuze e a literatura menor em a metamorfose e no processo.* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica De Goiás: Goiânia. (CDU: 821.133.1(44)-31.09(043).

Tofolli, Dias. (2020) Direitos Humanos. Recomenda aos Tribunais e magistrados a adoção de medidas preventivas à propagação da infecção pelo novo coronavírus

Apêndice

TEXTO PARA RELAXAMENTO

Encontre um lugar e uma posição confortável. Sinta sua respiração enquanto se acomoda e vá deixando suas pálpebras relaxadas, deixe seus olhos pesarem fechando-os na medida do que for confortável. Sentindo sua respiração como ela se apresenta comece a relaxar seus pés, ouça seus pés, dê conforto a eles. Relaxe também as pernas e vá sentindo sua respiração se aprofundar, sinta como suas pernas desejam ficar e dê conforto a elas. Sentindo o ar invadir seus pulmões, relaxe também as costas deixando seu corpo afundar no chão quando você coloca todo o ar dos pulmões para fora. Relaxe os ombros, tira a língua do céu da boca e sua mandíbula solta. Sentindo sua respiração cada vez mais presente você se prepara para uma viagem imaginária. Lembre-se: por que é imaginário, não há limites, então se deixe ir.

TEXTO PARA TÉCNICA:

Neste momento você se percebe sentado observando uma cachoeira imensa, você sente o vento forte misturado com pequenas gotículas de água, quase imperceptíveis. O cheiro é de mata molhada, o céu está bem azul, com nuvens de algodão. Você se põe em pé para explorar o lugar. Tome seu tempo para isso.

Respire e perceba que aí onde você está agora existem muitas árvores e plantas de todas as formas tamanhos e cores.

Respire

Uma dessas plantas te chamou a atenção já que ela parece sair do lugar, então você se aproxima e ela fala com você. Te revela que ali existem entradas para outros mundos onde você pode se transformar em criaturas poderosas. A planta então pergunta: você gostaria de se transformar? Ao aceitar o convite você e a planta-perguntadeira exploram uma estrada de

terra vermelha cheia de portas, cada uma delas da acesso a um mundo e você pode escolher apenas uma.

Respire, tome seu tempo e escolha uma das portas.

Entre...

Perceba o mundo ao seu redor, como ele é? Perceba a temperatura, a iluminação, o cheiro. Que nome você dá a esse mundo? O seu mundo...

Respire...

Perceba que você está se transformando em uma nova criatura... Como ela é? Qual a cor do seu cabelo, da sua pele. Que cor tem seus olhos? Você ainda é humano ou adquiriu outra identidade? Qual é sua nova identidade?

Perceba sua aparência física com calma...

Respire...

Agora você pode descobrir seus poderes. Quais são eles? O que eles te permitam sentir?

Tome um tempo se percebendo...

Como você é fisicamente?

Observe o mundo ao seu redor... Veja os detalhes. Sinta o cheiro, o vento... Toque e sinta as texturas.

Passeie pelo seu mundo, note os problemas que existem nele. O que eles provocam na sua vida, no seu mundo. No mundo-vida onde você mora.

Passeie pelo seu mundo-vida, perceba seu corpo-vida respire.

Respiiiire...

Observe a si e ao seu mundo e tom seu tempo para se despedir.

Perceba novamente a porta por onde você entrou... inicie sua despedida... perceba seus movimentos em direção à porta e seu corpo voltando a ser o de sempre...

Passe pela porta e veja novamente a estrada de terra vermelha que leva à cachoeira de onde você veio, vá tomando consciência do seu corpo e se despedindo desta viagem imaginária...

Sinta seus pés e mãos, os movimente devagar, vá se espreguiçando e abra os olhos no seu tempo.

(Roteiros do relaxamento e da viagem preparados pela pesquisadora/facilitadora)

Dimensão 1 – Corpos na Guerra
Criatura-Vida-Palhacin

Até quando a pessoa se explode, aí quando a pessoa se explode né, eu sou o tipo de pessoa desse jeito, eu guardo, guardo, guardo, mas também quando o balão ienche, menino, quando estoura, também vai escutar. Eu sou um tipo de pessoa que só fala, só escuta, escuta, quando eu tô errado eu fico calado mermo, mas até quando eu tô certo, num faço aquela coisa aí, o pessoal pensa que eu faço. A pessoa vai só guardando, guardando, guardando, igual eu, eu to só guardando, mas quando o balão espocar, menino, aí vai ouvir coisa, né. Porque a mãe dela é um tipo de pessoa que só quer ver o lado dela, num quer ver o lado de ninguém , desse jeito ai, ainda bem que depois nós conversa.

porque quando eu era…vivia nessa coisa aí, era o tipo de pessoa que não tinha pena de ninguém. Ninguém. Não via o lado, não tinha aquele sen…aquele…aquela trist…, aquela pena, que hoje eu, a pessoa fizer um errado aqui, hoje comigo aqui, eu não vou mais com aquela agressividade pra cima da pessoa. Não quero mais é, comé que se fala fazer a mesma coisa que ela fez comigo ou se a pessoa falar aquela coisa, tentar fazer contra mim, eu só entrego na mão de Deus. Mudei muito de uns dia pra cá, de um tempo pra cá, porque assim quando eu saí do **cem,** eu estava me envolvendo não tem, no crime de novo, só não tava fazendo ar mesma coisa, mas tava, comé, me envolvendo aí com negócio de tráfico de droga, ficar vendendo droga.

porque lá na minha rua lá eu tenho voz, os bandido, os pessoal lá, a associação, a população lá tudo me respeita. Or menino também, negócio de facção, os cara tudo me respeita, tenho uma voz, mesmo não sendo envolvido de nada. Aí eu senti, sei lá, uma pessoa … excluída das coisas tudo, aí tem vez que o cara não quer nem se envolver com o negócio do crime não, mas muitas coisa que acontecem na vida do cara, o cara entrando sabendo, ainda bem que eu sou uma pessoa forte, por que tanta coisa que eu já passei na minha vida. (inaudível) participar de facção, o negócio do crime de novo porque, um dia quando eu quiser entrar para esse bagulho aí né, a gente fala que as portas são abertas pra qualquer um, né. Eu penso primeiro, essas confusão continuar aí, sei lá, vou jogar tudo pra cima e vou viver a minha vida do jeito que eu era de primeira. Quando eu era de primeiro, eu vivia no crime, porque depois dessas coisa aí que eu ouvi onte, té doido, teve uma parte que eu fiquei com ódio e teve uma parte eu fiquei constrangido, triste né. Machucou muito. Não é aquele animado que eu tinha dentro de casa, hoje eu não tenho mais, ficava ali sorrindo, ficava ali conversando com os pessoal, não tenho mais aquela vontade, a vontade que eu tenho tô me sentindo preso naquela casa, depois de tudo o que aconteceu.

Negativo que eu tô sentindo só uma … fosse nada, como não, sei lá, quisesse mais viver assim, té doido, tanta coisa que eu já passei. Ainda fico passando por essas humilhação aí, dói daquele preço, o cara, é doido, e tenta chorar, e tenta, a todo momento ali o cara tá

sorrindo ali, mas tem hora que o cara não aguenta não. Tem hora que o cara tem que botar pra fora, porque se não botar para fora, mesmo que o cara não quiser … Eu sou um tipo de pessoa que eu não gosto assim, assim muito de abrir muito não, pra ninguém não, sou aquele tipo de pessoa que tudo que acontece comigo eu só vou guardando, guardando, aí aquelas coisa que eu vou guardando vai mexendo com a minha mente. Fica revoltada das coisas, do jeito que eu era, que eu fico pensando como eu era de primeira. Que acontece alguma coisa eu quero voltar pra aquela vida. Só que, não é tipo como se fosse eu, porque eu mermo, eu mermo não quero voltar pra essa vida não, como se eu fosse outra pessoa, quando fico com raiva fico falando besteira, fico falando muito daquele, não tem, fico falando que quero ser preso, que quero não sei o quê, fica falando só besteira quando a pessoa tá com raiva, que as pessoas só vão dar valor pra mim quando eu tiver preso ou tiver outro lugar, e as pessoa vão começar a me dar valor, depois quando perde a pessoa. Porque eu falo pra eles, agora eu não sei, né, porque quando a pessoa não tá fazendo nada, quer sempre aquela pessoa ali, quer sempre ela ter que andar pelo certo, mesmo ela andando pelo errado, só quer falar, sempre, no momento algum, mesmo que aquelas palavras que a pessoa fala, que machuca a pessoa, ela não vê esse lado, só vê o lado dela. O que ela tá falando ali sempre tá certo, mesmo que tiver machucando, né, ela não vê isso. Antes deu começa a namorar com essa menina, té doido, eu vivia de boa, vivia na casa do meu primo sossegado, trabalhava com ele, fumava meu chá de boa, não tinha aquela preocupação, como eu tenho hoje. Não tinha aquela angústia, não sentia essa dor, ser excluído, não sentia constrangido, sentia tudo como fosse assim bom.

Criatura-vida-sobreviver

Porque é igual nois, né não? Cortou, acabou, não é não? É igual a gente, morreu já foi, já era. O céu também é vida. Eu vou no lugar da foto de vez em quando.

Nada é difícil, não, aprende. Tudo aprende, só basta a pessoa querer que a pessoa aprende, se a pessoa quiser.

Dimensão 2 – Necrografia dos territórios (aqui percebi o território **como ele** é e o **desejo** que eles têm sobre o território)

Criatura-Vida-Palhacin

Não, eu tirei nenhuma foto não, porque eu só fico mais é dentro de casa. Só uma dento da rede. Ó só normal mermo, que a pessoa fica sei lá pensando em forma de sair e nunca dá, os cara não deixa o cara, quer é isolar o cara dentro de casa. Quer isolar o cara dentro de casa, isso daí vai botar ela na linha. A linha é pra não ter aquela desconfiança. É porque é melhor do que tá na rua adoidado.

Porque lá em casa, tu é doido, de vez em quando tem uma discussão lá, mas vai indo, vai indo, vai indo e as coisa vai … costumando né, mas eu não sou muito acostumado assim não com essas coisa não. É tipo, tá ali direto ali, e a pessoa tá no pé e não posso fazer nada que já esperando pra discutir, brigar, eu fico tipo pensano que são mais vei e eu fico calado na minha, eu fico mais é olhando, observando, do jeito que as pessoa trata a pessoa

porque eu entrei nessa vida aqui porque, quem entra nessa vida do crime, vai demorar o tanto que for, mas um dia sabe só da notícia, ou quando um é preso, né ou é morto.

Quando eu tô lá tô relaxando a mente um pouco. Eu acho que a vida seria boa, que eu tava pensando era só coisa boa, sem ter essas coisa.

Não sei o nome não, mas é uma paisagem bonita viu, sei não, um bocado de lugar de sentar pra conversar, sei não, sei que nome dava não. Eu acho que tava sentado, fumando um baseado, aí se lembrou da foto e tirou, não foi não? Não sei que nome. Parar pensar. Sei lá.

Se a vida fosse essa foto seria tranquila, um lugar assim de paz, desse jeito aí, paz né, lugar sossegado, um lugar assim sem essas coisa, que fala por você, né não, lugar bom.

Rapaz, o nome dessa daí é um lugar, é de, comé que se fala mesmo, de lazer né, não, o cara nessa porra dessa noite aí, essa lagoa aí, aí fica assim, olhando não é assim pensando na vida, o que pode vir amanhã o que que não pode. Se a vida fosse essa foto seria bom demais, tranquilo, nenhuma conversa, paz, é do mesmo jeito né, lá é um lugar de paz
Nessa foto eu tava na lagoa, de tardezinha é massa lá. Aí pega a lagoa todinha, de ponta a ponta. Um lado assim da pista à outra, ponta a ponta. Aqui atravessando o São Vicente, Joaz, essa pista aqui ó, já é o fim já da ponta. Aqui *rá* é próximo a quebrada lá, passô o Santa Luzia todin. Aqui eu tô lá no bairro mermo, que é as casa que tem do ladicá do bairro. Que a água tá…tá cobrido de água né. Agora não tá coberto de aguá. Só o massa pro cara fumar um lá. Se essa foto tivesse um nome seria Vida! Tudo é natural né aí. Tudo é natureza, tudo é vida. Se a vida fosse essa foto ela seria massa, Seria bonita né. Rapaz é bonita. Seria, a água é vida né, vida, as planta, o céu, a natureza é bonita! É pq eu vi, se tu vê lá, vê o sol lembra a natureza, os passarinhos cantando é massa. Nessa hora tão tudo cantando igual passa um bocado aí. Teve vez que o jacaré ficou pertin aí. Mas não dá medo não. Ora, eu fui criado aí dento, (inaudível) nadei tudo, e era tudo chei de mato no tempo, num era esses mato (inaudível). Aqui ó, bem aqui no rio aqui ó, aqui é a pista. Aí do oto lado aqui é o rio, do lado que já a Lagoa dos Pato, lá é top, aguazinha bem azulzinha mermo, la dento, quase ninguém num sabe ir. Banhava na lagoa, e lá no rio lá. Na lagoa tá com um bocado de tempo que eu me banhei. Hoje eu não banho porque eu num sinto muita vontade não, vou é pra curtir lombra.

Criatura-vida-sobreviver
As fotos que eu mandei, eu já tinha tirado. Eu lembro, ah, foi bom neh, o momento! O cara fica na liberdade, se sente bem. No vídeo era eu, na moto, lá depois do cemitério, num tem uma BR ali? É longe. Essa foto eu tirei só pra cá. É, bem na entrada, perto de casa. Se ela tivesse um nome seria Tranquilidade! Se ela fosse a vida, a vida seria tranquila. É se sentir bem, não é não? Tá bem com si mesmo. Ficar de boa com si próprio. E se a laje fosse a vida, Rapaz, a vida seria firme e forte, é pra aguentar peso, tá ligado. Aguenta tudo. Nessa foto tem de vida as árvores.

É massa, o cara esquece tudo. Rapaz, massa, uma sensação massa. Tudo se acaba, aí tu chega e distrai a mente, distrai a pessoa, esquece as coisa, a pessoa vai focar só naquilo né, pra não cair, esquece é tudo, é massa. Melhor que outras coisas e tem gente que acha que é como crime, né? É, diz que é crime, mas não é não. **É uma arte, né não?** É, eu acho, tu ficar só na roda duma moto. Numa velocidade… tem gente que tira uma, cruza as pernas, tem gente que bota só dois…(inaudível) aqui ó, que a negada chama de suicida. É massa.

Esse vídeo se chama Paz. E se a vida fosse a paz... Oh rapaz, seria ótimo, tudo de bom! Bom, tudo de bom. Tem nada de ruim não. Tudo de bom. Seria top, a cidade toda.

O nome da foto seria Sossego, a pessoa tá deitado ali, (inaudível) perturbando nem nada.

Se o sossego fosse a vida, Acho que a vida seria boa né, não sei. Seria bom ou ruim né, um dos dois, ou os dois né, podia ser os dois também. Sei lá, acho que sim poderia ser os dois.

Dimensão 3 – Biografia Menor (amor/amizade)
Criatura-Vida-Palhacin

eu tive umas conversa com ela, com a bruna e com a mãe dela. As coisa tão mais melhor né, não tão como que era antes. Ai ta vendo mais, porque muitas coisas eu deixei por causa da … quando eu comecei a namorar com a fia dela. Ficar (inaudível) de altas coisa, que eu era envolvido aí, andava envolvido aí no negócio do crime, conversei com a fia dela, fiquei mais sossegado, me sai mais das amizade, não saí mais com aquelas pessoa que me botava só a perder, aí isso né. Foi, depois quando, primeiro, eu não vou mentir pra você não, antes deu conhecer ela, assim quando eu saí do **cem,** passei um tempo sossegado, de boa, comecei aquelas amizade, má influência, negócio de facção. Graças a Deus, peço muito a Deus que eu nunca cheguei a me fechar nessas coisas não, mas eu conheço muita pessoa. Já fizeram muito convite pra mim pô, entrar nesse tipo de coisa,

Aí foi até quando eu conheci essa menina. Tudo mudou, ela pediu uma coisa, eu deixei, parei com negócio de ficar em movimento, negócio de droga, parei de cheirar esse bagulho, negócio de pó, fumando só maconha mesmo, e é difícil, se eu fumar é de vez em quando, deixando tudo por causa dela ai, e a pessoa ainda passa de errado. Onte mermo aconteceu uma confusão, só por causa que eu fui na casa do meu irmão, aí meu irmão estava bebendo lá, ele é o tipo de pessoa que não mente pra você não, meu irmão ele é faccionado, não tem, mas só que ele é um irmão assim de consideração, de criação. Aí onte que eu tava lá na casa dele, só conversando com ele mesmo, não tem, só que eu tinha saído sem avisar, pra ninguém, tava lá de boa lá, aí eu peguei assim e eu saí de perto dele. Aí ligaram pra ele e ele atendeu, falou que eu não ia voltar mais pra casa, aí começou, não tem, aí eles ficaram tudo...as pessoas lá da casa lá, da minha sogra lá, ficou preocupado. Como assim eu saí e não tinha avisado pra ninguém pra onde que eu ia, elas ficaram tipo preocupada, né, pensaram que era outras pessoas aí, negócio de facção que tinha me pegado ou então a polícia, ficaram chorando lá, aí depois quando me ligaram, aí minha irmã falou, ainda falou lá altas coisas lá, com eles lá aí que eles ficaram zangado. Não, meu irmão, pedi pro meu irmão avisar que eu tava na casa dele, aí só que de vez dele ter avisado numa boa, ele avisou com as coisas, né, não tem quando tipo, com ar saliência dele, falando com a menina, tipo a minha namorada, ela ficou, tipo pegou e ficou com raiva assim falou altas coisas. Aí quando eu cheguei lá a mãe dela lá começou a falar um bocado de coisa lá, e aquelas coisa que a mãe dela vai falando, coisando mais o cara, né, cara já não tem um amor, um amor assim pro cara… Amor assim, né, porque como se fala assim, um amor, é porque, depois quando aconteceu esse bagulho todo aí, desse crime aí, que eu fiz aí, do **finado Caxingó?** As coisa não ficou como era antes não, ficou tudo diferente, tudo mundo mudou pra mim, as pessoas ficaram diferente, minha família ficou tudo diferente comigo, não é aquele mermo amor que eu sentia, que minha mãe sente, que sentiu por mim ela não sente hoje, tá muito diferente, até falar comigo tá difícil, aí a única pessoa que tava vendo, que tava, é a mãe dessa menina aí que eu tava aí, depois de onte do que a mãe dela falou comigo, esse tipo de constrang… fiquei constrangido, né?! Envergonhado, tipo eu quis falar, só que depois, tá até aqui a mensagem aqui, pedindo desculpa, altas coisas, mas só que fala na frente de todo mundo, né, pessoa fica tipo com aquela vergonha, as pessoa ficaram olhando assim,

Essas confusão tudo aí, com a mãe dela aí, sempre quando acontece alguma coisa, fala que é pra fia dela terminar comigo, me deixar. Se eu falar outra besteira, que ela falou que

ia pra mandar a fia dela não sei pra onde, que eu só queria iludir a fia dela, falou altas coisa comigo, tipo aquelas coisas que a gente fala, machuca, né, a pessoa. Fala altas coisa aí, fica falando do meu irmão, que é o … falando dele, que ele é uma pessoa errada, não sei o quê, que eu quero seguir é o rumo dele, tipo fica me julgando num tem, fica me julgando. Tô sentindo mais aliviado, porque eu tô … achei uma pessoa tipo que eu tô confiando em contar minhas coisa, nem pra minha mãe, a minha mãe pediu pra contar onde que eu tinha botado uma grana (inaudível) e as pessoas viu e perguntou o que era, aí eu botei, a minha mãe me ligou perguntando, com minha mãe, ela não desabafa, e pra minha namorada também, nem para ninguém da minha família porque eu sei que eles não vão poder me ajudar em nada. Seii lá tipo um apoio, pra partilhar aquela negativa que eu tenho em mim.

Negativo que eu tô sentindo só uma … fosse nada, como não, sei lá, quisesse mais viver assim, té doido, tanta coisa que eu já passei. Ainda fico passando por essas humilhação aí, dói daquele preço, o cara, é doido, e tenta chorar, e tenta, a todo momento ali o cara tá sorrindo ali, mas tem hora que o cara não aguenta não. Tem hora que o cara tem que botar pra fora, porque se não botar para fora, mesmo que o cara não quiser … Eu sou um tipo de pessoa que eu não gosto assim, assim muito de abrir muito não, pra ninguém não, sou aquele tipo de pessoa que tudo que acontece comigo eu só vou guardando, guardando, aí aquelas coisa que eu vou guardando vai mexendo com a minha mente. Fica revoltada das coisas, do jeito que eu era, que eu fico pensando como eu era de primeira. Que acontece alguma coisa eu quero voltar pra aquela vida. Só que, não é tipo como se fosse eu, porque eu mermo, eu mermo não quero voltar pra essa vida não, como se eu fosse outra pessoa, quando fico com raiva fico falando besteira, fico falando muito daquele, não tem, fico falando que quero ser preso, que quero não sei o quê, fica falando só besteira quando a pessoa tá com raiva, que as pessoas só vão dar valor pra mim quando eu tiver preso ou tiver outro lugar, e as pessoa vão começar a me dar valor, depois quando perde a pessoa. Porque eu falo pra eles, agora eu não sei, né, porque quando a pessoa não tá fazendo nada, quer sempre aquela pessoa ali, quer sempre ela ter que andar pelo certo, mesmo ela andando pelo errado, só quer falar, sempre, no momento algum, mesmo que aquelas palavras que a pessoa fala, que machuca a pessoa, ela não vê esse lado, só vê o lado dela. O que ela tá falando ali sempre tá certo, mesmo que tiver machucando, né, ela não vê isso. Antes deu começa a namorar com essa menina, té doido, eu vivia de boa, vivia na casa do meu primo sossegado, trabalhava com ele, fumava meu chá de boa, não tinha aquela preocupação, como eu tenho hoje. Não tinha aquela angústia, não sentia essa dor, ser excluído, não sentia constrangido, sentia tudo como fosse assim bom.

Só queria que tudo fosse uma coisa maravilhosa, mas parece que a coisa só vai ficar mais pior, mas que as coisas que ela falou aqui hoje para mim aqui, passar dois dias vai acontecer tudo de novo. Eu falei pra menina onte, que na próxima vez que ela falar essas coisas aí, ela pode esquecer, esquecer de tudo que nós passamos junto, que ela vai ficar só ela e a mãe dela, e ela falou que, que eu chegar a deixar ela, queria fazer besteira com ela, falando altas coisa. Aquela coisa fica na mente do cara, a pessoa fica preocupada né dela fazer alguma coisa, a pessoa se sente culpada. Dói muito. É que o diabo tá me chamando de volta né. É, não é não, porque esses pensamento não é da pessoa, não é o que Deus bota na vida do cara, porque Deus não quer ver a pessoa nessa vida, né, do crime. E eu também, às vezes assim eu penso, vou fumar um chá, relaxo minha mente, aí eu fico, fico pensando aí, pensando na minha família, fico pensando naquelas pessoa que gostam de mim, pessoa amar, só quem ama mermo só Deus mermo.

O quê que eu vou ganhar nessa vida do crime? Não quero ver mais minha mãe sofrer não, ficando me visitando na porta da cadeia, eu não quero ver minha mãe também chorando não. Tu é doido, fico pensando nisso, penso logo nisso, aí eu só brinco com as pessoa,

mas sempre tá ali, aquela dor, sempre. Aquela dor que, que depois quando eu saí, tinha o quê, depois quando eu saí tudo mudou, as pessoa, tanto as pessoa quanto a minha família também, tudo me tratando assim como fosse, sei lá, tem nem como explicar. Mas é assim mesmo, né, só o cara não abaixar a cabeça, né, não ir pelos pensamentos do diabo, não abaixar a cabeça, aí vou caminhar até aonde que der, né … só isso mermo que eu tenho pra falar mermo.
Criatura-vida-sobreviver Tava mais um dos parceiros meu. Tava mais um dos parceiros meu. Eu comecei a gostar porque andava com pessoas assim, tá ligado? A galera que falava que, se eu tivesse minha moto eu aprender, eu aprendi.

(Análises dos resultados divididos em 3 dimensões pela pesquisadora/facilitadora)